Ao querido Prof. Mário Ipiranga Monteiro,
uma lembrança de seus alunos do
2º ANO de Letras
Em 24-11-67

Nota: Pedimos desculpas por alguns enganos devido ter sido batido com muita pressa.

Literatura Amazônica - Índice histórico bibliográfico

Literatura Oral- Estórias- Documentos.
1º Período: Arcadismo. De 1783 a 1850.
2º Período: Romantismo. De 1850 a 1900
3º Período: Condoreirismo, Naturalismo, Parnasianismo. De 1900 a 1910.
4º Período: Parnasianismo. De 1910 a 1925.
5º Período: Modernismo. De 1925 em diante.

Introdução

1. O AMBIENTE amazônico formador da Literatura da Região.
2. O CAMPO LITERÁRIO de exploração é o campo geográfico-social ou laboratório humano.

Pesquisa

a) Direta - no campo ; b)Indireta ou de gabinete, feita em livros, documentos, etc...

Homem

O elemento dinâmico da pesquisa é o homem. Os livros são os elementos passivos.

Documentos da Literatura Amazônica

1. Viagens de Orellana; sôbre suas viagens há uma relação incompleta dele proprio. O Padre Carvajal e o padre Cristovão Acuna, tambem escreveram duas obras, uma relacionada com a viagem de Orellana(a do padre Carvajal); outra com a viagem de Pedro Teixeira (a do padre Acuna) Desta primeira viagem de Orellana e suas relações escritas, surgiu o primeiro elemento passivo: o germe da Literatura Amazônica - "A Lenda das Amazonas".
Detalhes sôbre a lenda das Amazonas: Conori, mulher, chefe das Amazonas; Icamianas, tribo de mulheres guerreiras; Muiraquitã, pedra fabricada pelas Amazonas que simboliza a fecundidade; Taciuarua, lago, que significa espelho da lua - arua, tudo o que brilha; localização da tribo, Uaupes= transmigração de mulheres; Buopé, deus ou heroi da Região do Rio Negro, esta relacionado com o local.

Lenda das Amazonas. As Amazonas, assim chamadas por Orellana, eram mulheres guerreiras. Essas mulheres foram assim chamadas por se parecerem com outras mulheres guerreiras que conta-se terem existido na Antiguidade. Dái veio o nome do rio das Amazonas ou, como dizemos hoje, rio Amazonas. As amazonas identificavam-se com as Icamiabas, uma tribo de mulheres guerreiras, que não tinham marido. Uma vez por ano, recebiam em sua taba, na região de Uapes, os guerreiros guacaris que moravam na outra banda da serra onde elas habitavam. As icamiábas habitavam alí sozinhas. Não admitiam que ninguem se aproximasse. Todas as tribos que o tentaram foram derrotadas. As mulheres eram habeis, manejavam o arco e a flecha com uma perícia extraordinaria. Cada flechada era um inimigo que caia. Além disso, Jaci, a Lua, as protegia porque a adoravam. Uma vez por ano recebiam os Guacaris e um dia antes do casamento era realizada a festa de Jaci no lago a que davam o nome de Iaciuarua. Pouco antes da meia-noite, quando a lua estava quase a pino, dirigiam-se em procissões para o lago, levando aos ombros, potes cheios de perfumes, que derramavam na água para purificá-la. Dançavam, cantavam e se atiravam ao lago para o banho purificador. A meia-noite, quando a sombra das árvores quase desaparecia, mergulhavam e traziam lá do fundo um "barro verde" a que davam formas variadas de rã, peixe, tartarugas e outras... Elas davam êsses amuletos aos guacaris, que os traziam dependurados ao pescoço, enfiado numa trança do cabelo das noivas.

AmM 1774

Depois de sêcas, as muiraquitãs ficam duras como ferro. A "mãe das podras verdes" é que lhes dava o barro no fundo do lago e foi quem lhes ensinou a fabricar os amuletos.
Se as icamiabas tinham filhos, caso fôssem meninos elas as criava, mas os meninos, entregavam aos guacaris.
Os guacaris desaparoceram, as icamisbas se foram não se sabe para onde; mas há vestígios de sua existência no nome da região Uapé(s) que significa transmigração de mulheres, no nome dos deuses ou heróis relacionados com o local- Duopé- e na própria sobrevivência das muiraquitãs, que por acaso se encontram perdidas na região, sendo vendidas agora, por preço considerável.

Fundamento da Lenda das Amazonas.

A lenda das Amazonas é fundamentada na lei política e religiosa do matriarcado. Esta forma de organização político-social é de origem religiosa, pois segundo esta lenda, a deusa que originou o homem não foi fecundada pelo homem, mas sim, comendo uma fruta denominada -purumã- cujo suco fecundou-a. Porisso o homem deve estar sujeito à mulher, como no caso das amazonas.

A LITERATURA AMAZÔNICA

A Literatura Amazônica aparece em função:
A) Telúrica = obras cientificas
b) Étnica - exploração do tema indigena ou cabôclo.

Portanto, teremos:
Função Telúrica { Botânica, Zoologia, Hidrografia
Função Étnica { Etmologica, Etnografia, Antropologia, História, etc...

Isto quer dizer que tôda a Literatura está em função do meio, isto é, relacionada com o Território ou com o homem.
O elemento dinamizador da Literatura oral é o homem.
No caso da Literatura Amazônica houve uma coincidência caracteristica - surgiu a Lenda = literatura oral, sôbre as Amazonas e a Literatura escrita, através das obras dos padres Carvajal e Acuña.

Autores e extensão da Literatura Amazônica

O rio Amazonas tornou-se o veículo socializador da planície amazônica, a ação começou do leste para cima, com os espanhois até Tefé; osportugueses partiram da foz subindo até o GURUPÁ
Nessa época aparece o padre SAMUEL FRITZ (alemão) - que desenhou a 1a. Carta Geográfica da Região. Igualmente A.R. FERREIRA, que muito se interessou nos estudos amazônicos.
A Literatura Amazônica foi então se constituindo, chegando a ser hoje vastíssima, pois atinge quase a mais de 20.000 volumes. Podemos portanto citar.

1 - Os 3 primeiros documentos ou grandes livros da Literatura oral amazônica:
a) Carlos Frederico Hart - "Contos da Tartaruga" ou do "Jabuti"
b) Antonio Brandão de Amorim - "Lendas em Nhangatú e Português", restam várias versões dessas lendas como a de: "Ciuci, Naruna e outras.

O Dr. Antonio Brandão de Amorim foi um apaixonada do folk-lore amazônico e ilustre folclorista amazonense, de origem paraense,

falava- se correctamente a língua geral.

A lenda "Waruna" procura assinalar a passagem do matriarcado ao patriarcado. Convém notar a feição de heroi de que aí se reveste - Jurupi, geralmente tido como o espirito do mal.

c) João Barbosa Rodrigues - " Poranduba Amazonense".

Foi êste um dos mais ilustres autores que versaram assuntos amazônicos juntamente com Gonçalves Tocantins e Júlio César Ribeiro de Souza - poêta e precursor de Santos Dumont, na descoberta da direção das aêronaves. Enalteceu a terra amazônica em magníficas estrofes .

A palavra "Poranduba" - significa "Historia". Entre as lendas extraídas de um estudo feito pelo Dr. João B.Rodrigues sôbre lendas, crenças e superstições, na "Revista Brasileira" tomo X-1881, temos a do Paí- Tuna, que pode figurar ao lado dos herois amazônicos. O seu nome se acha perpetuado na toponimia geográfica local (nome de um pequeno igarapé)na região do Gurupá.

Barbosa Rodrigues encontrou analogias entre esta lenda e a das Leniadas. Paí-Tuna seria o velho "Phoas" e Paí tunaré o Jason amazônico.

Outras lendas ou versões de Barbosa Rodrigues são: Cyuce (Ciuci) e o Sete- estrelo. (Plêiades).

2. La Condamine - fez as primeiras revelações sôbre a borracha amazônica e sua importância na Economia Amazonica. Levou a borracha para a Europa.

3. O Padre José de Queiroz - relatou suas observações de uma viagem de desobriga, constituindo uma obra que ficou inédita, até ser ser revelado por Camilo Castelo Btanco, em Portugal.

4. Humboldt - escreveu uma obra de oito volumes, sôbre o Amazonas, embora não tivesse estado na Regiao. Denominou-a "Hileia". O título de sua obra é: "Viagens às Regiões Equacionais" do Novo Continente" (1807)- narrativa de uma exploração Orenoco.

5. Henry Walter Bates - revelou o aspecto folclórico dos conjuntos de danças de pássaros: " O Naturalista no Amazonas" (1863) e " Fauna Entomológica do Vale do Amazonas" 1861.

6. Alfredo Russel Wallace - " Viagens pelo Amazonas e pelo Rio Negro" (1853)

7. Von Martius - Várias lendas Ex. Lenda de Venência e vocabulário; como resultado de sua longa excursão: 1817-1820 - ao Brasil, publicou o livro "Viagens ao Brasil".

8. Von Spix - várias lendas e vocabulário; companheiro de Von Martius no Brasil, escreveu uma parte da "Viagem ao Brasil"

9. Henry Coudreau - existência das Amazonas na Região do Rio Negro. Publicou os livros "Voyage en Tapajós"; abeberou-se em Barbosa Rodrigues e Gonçalves Tocantins; "Entre nossos Indios" 1892)

10. Luis Agassiz - publicou em ltim a compilação de Martius e Spix: " Peixes Brasileiros"

11. Avé-Lallemant - revelou as primeiras noticias do Boi-Bumbá e outras coisas culturais da região (1869).

12. Carlos Frederico Hart - geólogo; além de escrever "Contos da Tartaruga" "Os mitos amazonicos da Tartaruga" , foi colecionador de outras lendas amazônicas; o 1º colecionador. Obra:"Contribuições a Geologia e a Geografia Fisica do Baixo Amazonas" 1874.

- A DIFUSÃO LITERÁRIA :- CAUSAS -

Só em 1850-1851 - com o advento da Província - vai aparecer o 1º Jornal: "O 5 de Setembro". A cultura começa a difundir-se, pois o ambiente era, até então, muito doméstico. Fundou-se a 1a. Biblioteca, no Consitório da Matriz. Os Talentos nativos se revelam na imprensa.

BIBLIOGRAFIA ORIGUAL

Sôbre a Literatura Regional:

2. "Nuevo descubrimiento del Garn Rio de Las Amazonas" - Acuña 1639.

1 "Relacion del Nuevo Descubrimiento del famoso gran Rio de las Amazonas". Carvajal - 1542.

LITERATURA - DIFUSÃO

Posição da Literatura oral popular

LITERATURA
- Oral
  - Popular
    - Estórias
      - lendas
      - contos
      - fábulas
      - (prosa ou verso)
- Escrita
  - Popular
    - Romances Velhos Volantes (prosa ou verso)
  - Erudita
    - Romances
    - Novelas
    - Contos
    - Poesia

Os contos e lendas mitológicas são estórias porque há nelas alguma verdade à qual foram se acrescentando ítens ou acréscimos criados pela imaginação que foram tornando nebuloso êste ponto de verdade. E assim, estas lendas se cristalizam. Há uma restrição para as fábulas, pois a fábula é um elemento simbólico, isto é, é constituida por fatos passados com animais ou outros sêres irracionais ou inanimados.

O mito é de origem religiosa. Em tôrno do mito foram surgindo ítens, dando dêste modo origem à lenda mitológica.

Há ainda a lenda explanatória, como a que existe para justificar a existência do fôgo fátuo (Mboi - tatá ou Buia - cobra de fogo); ou a que existe para justificar a existência da vitória régia.

Origem dos mitos

TEOGONIA
1. Deus Supremo
2. Deuses Departamentais (das florestas; das águas)
3. Deuses menores: das árvores, rios.

O FOLCLORE

FOLCLORE
- Literatura oral popular
  - Lendas
    1. de Encantamento
    2. Mitológicas
    3. Explanatórias
  - contos
  - fábulas
- Literatura escrita popular
  - Romances velhos volantes (Verso ou prosa)

PRINCIPAIS LENDAS

LENDA
1. De encantamento
2. Explanatória
3. Mitológica

Lenda de Encantamento- quando o personagem sofre metamorfose.
Ex: O bôto - que se transforma em homem ou mulher.

Lenda Explanatória- quando explica alguma coisa através do simbolismo.
Ex. A Vitória Régia.

Lenda Mitológica- quando funciona o mito como núcleo.
Ex. A do Saci - Pererê (há o mito e a lenda em tôrno do mito)

Significado do Folclore

Origem- do Inglês "Folk-lore"
Folk - povo - lore - tradição
Folk-lore - tradição popular
Volkskunde - alemão
Folk-lore- inteligência do povo
CONCEITO:- Folk-lore - é a elaboração material ou espiritual do povo.
Valores:- Requer o Folk-lore os seguintes valores : deve

ser 1. Popularizado
ter 2. Autenticidade
ter 3. Persistência
ter 4. Difusão no espaço (ou no tempo)

Para que caia no gôsto do povo, seja o folk-lore autêntico. É igualmente necessária a difusão no espaço e no tempo.

A difusão pode ser-

a) Dinâmica
b) histórica
c) nascente

Folk-lore dinâmico- é aquêle que é atualizado e dinamizado pelo povo.
Folk-lore histórico- é o que perdeu a difusão no espaço e ficou no tempo.
Folk-lore nascente- é o produto dos dois. Talvez haja 30% de folk-lore nascente; o resto pode ser dinâmico ou histórico.
A linha do folk-lore sofria perda e adquiria. É difícil encontrar folk-lore novo; geralmente vai se buscar fontes generativas, ao menos um item. Em tese, não existe folk-lore nascente.

AMPLITUDE DO FOLCLORE
Exemplos-

Os chinêses inventaram os óculos. As jóias nos tempos primitivos eram como rémédios para doenças. Hoje usa-se jóias para enfeite.
Ex- votos: são assim chamados- os dentes de jacaré, a pata do coelho etc.
Lenda da ferradura - origem: vem de que São Pedro era ferreiro.

-FOLCLORE AMAZÔNICO -
(Subsídios)

José Coutinho de Oliveira
"Folclore Amazônico" Lendas

a) Secção I - Lendas cosmogônicas
Exs- Como se fez a noite
Pedro Cainauá
O homem aprendeu com os bichos
o segrêdo do Saci

b) Secção II - Lendas heróicas
Exs.

-segue-

b) Secção II - Lendas heróicas
Exs. As Icaniabas
A Muiraquitã
Caru- Sacaebé
Paí - Tuna
Ciuci
Naruna
Ajuricaba

c) Secção III - Lendas Etiológicas - origem
A Mandioca
O Guaraná
O Manangá

d) Secção IV - Lendas de Encantamento (Metamorfose)
Exs. Mané- Torquato
O Velho da Praia
A princesa do Lago
O navio fantasma
Sapucaia - Oroca
A Cidade Encantada

e) Secção V - Lendas Ornitológicas
Exs. O Japiim
O Tangurú - Paré
O Jurutaí
O Uacauã
O Xincuã
O Anu- Coroca
O Uirapuru
A Pena do Urubu-rei
A Raiz do Uirapuru

f) Secção VI - Lendas mitológicas
Exs. Ciclo da Iára:
A Isra - A Pororoca - Tio Foluca
Ciclo da Boiuna
A Cobra Grande - Honorato - A moradora do Castelo - A cachoeira do rio Muaguariaçu - A Parteira da Boiúna - A Dona da Ponta da Praia
Ciclo do Bôto
O Bôto - O Menino Peixe.
Ciclo do Curupira
O Curupira - O Mapinguari - O Jassé - O Passaro Homem - O Cavalo Marinho.
Ciclo do Mati-taperê
A matinta perêra - O Lobisomen - A Mula Sem cabeça - A porca' dp Firmino - A Genoveva do Bode.

E S T Ó R I A S
C L A S S I F I C A Ç Ã O
(Contos ou Romances Velhos)

- 1. Sagradas - de santos
- 2. Proveito e exemplo (morais)
- 3. Além túmulo
- 4. Assombração (animalísticas)
- 5. Assombração (encantamento)
- 6. Animais
- 7. Encantamento (que não assombram)
8. Ex. O Bôto
8. Contos azuis (de fadas e gnomos)

A R C A D I S M O (1 750) ou NEO-CLASSICISMO

Período Arcádico - Fundamento da Literatura Amazônica

FRANCISCO JOSÉ VITRO - Antes da Mubraida, houve 2 "sunetos", compostos em honenagem à comissão demarcadora de limites, quando esta chegou a Tabatinga. O 1º foi dclamado em Manaus, mas o fto não ficou documentado.
Ambos são poemas clássicos, moldados no estilo louvaminheiro.
Foram as seguintes as circunstâncias da produção dos Sonetos.
Por ocasião da passagem da comissão espanhola de demarcação, em 1783, o soldado-poeta português Francisco Vitro da Silveira, recitou no Forte de Tabatinga - Rio Amazonas - dois sonetos. Estes foram oferecidos ao Comissário Geral, D. Francisco de Requeña e sua espôsa D. Maria Luísa. (não será necessário transcrever pois, todos possuem os referidos "Sunetos") Estes sonetos são a 1a. obra literária solta surgida no Amazonas.

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA

Os primeiros poetas amazônicos surgiram na zona do Rio Negro ; Henrique João Wilkens e Francisco José Vitro, provenientes de Barcelos, capital da Província.
Ainda foi Barcelos que nos deu o primeiro literato amazonense : Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha. Nasceu no dia 4 de setembro/1769. Era filho de Raimundo Figueiredo Aranha e de D. Teresa Joaquina Aranha. Fez os estudos primários em Barcelos. Logo mostrou grande interesse pelos estudos do latim e do Grego. Aos 19 anos estava pronto pra ir à Coimbra completar os estudos. Não sendo possível foi para Belém. Empregou-se mais tarde na Alfandega do Pará.

Escreveu-
Obras poéticas-
Discursos laudatórios
Odes Pindáricas (incluida na Obra Poética menor)

T E A T R O

A obra Poética, divide-se em:
a) Obra poética menor: consta de Sonetos, Odes Pindáricas, Bucólicas, etc.
b) Obra poética maior: consta de Teatro em verso.

Quando houve a Revolução do Pará foi perseguido, êle havia deixado numa arca todo o seu material literário. Os revoltosos penetraram em sua casa e destruiram tudo. Salvou-se um pequeno material que estava com êle e que foi publicado no Pará em 1850 e reeditado (2a. edição) pelo governador José Cardoso Ramalho Júnior em 1 899. Também no naufrágio de que foi vítima perdeu muito material literário.
Faleceu em 11 de novembro de 1 811. É considerado paraense porque naquela época o Amazonas era Provincia do Pará. Em tôda a obra de Tenreiro Aranha, ficou célebre e é citada nas Antologias o soneto "MARIA BÁRBARA" uma mameluca casada, que se negou a determinado indivíduo e foi por êle assassinada.
A obra de Tenreiro Aranha é tôda clássica. Pertencia à Escola Arcádica. Quer dizer, foi clássico no estilo, não na temporalidade. Com a invocação das musas e dos mitos gregos e latinos, realizou o estilo clássico, embora no gênero lírico .

T É C N I C A (do soneto Maria Bárbara)

Rima- disposição- a - a; a - a

2 quadras	1o abba (1a) 10 abba (2a)	Tipo: graves Rimas disposição opostas ou
2 tercetos	1º - 10 aba 2º - 10 aba-	intercaladas, ou contrapostas

---

Obs. Apesar de que Tenreiro Aranha obedeceu ao estilo clássico, também se preocupou de lembrar o nome do Amazonas em sua obra.

TEATRO DE TOMÁS DE ARANHA

" Os Pastores do Amazonas " (drma pastoril)

Comemorando o nascimento da recém nascida e augusta neta a Serenís sima Senhora Princesa da Beira.

Interlocutores do Drama

Napea - ou ninfa dos bosques
Bireno- pastor do Amazonas
Elisa - pastora do Amazonas
Comparsas- outros pastores serranos e serreana do Amazonas

Ambiente - a cena se figura nas margens do dito rio Amazonas nas do Guajará que é como feudatário daquêle e o em que se acha a cidade do Belém do Para.

Ato Único

Cena I

Bireno reclinado sôbre uns penhascos das margens do Rio Amazonas

Cena II

Surge Elisa (pstosa serrana)
Diálogo : entre Bireno e Elisa
Ouvira o Côro (fala de dentro do palco) Após continua o diálogo entre Elisa e Bireno

Cena III

Surge Napéa (cantando)

Cena IV

Napéa só, cantando em recitado

Cena V

Côro dentro e duêto
Inserições - Dueto
Finaliza - com o côro

(Vão- se, e, na retirada irá cantando o Côro)
Entretanto abate-se o pano.

- Apreciação sôbre o teatro de T. Aranha.
João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha - fez teatro à imitação de Gil Vicente e Camões.

Imitação de Gil Vicente

1. Teatralização do evento.
2. Introdução de pastores gregos

Imitação de Camões

3. Recorrência à forma mitológicas
4. Imitação do côro grego (também anterior a Camões)

Difere em:

1. Técnica do verso - heróicos
2. Versificação decassilábica, menos no côro em que é heptassilábios
3. Gil Vicente era popular e o teatro de T. Aranha aproxima-se mais do Teatro de Camões (pela forma, pelos louvores, pelos louvores, pela secura e invocações à mitológia) Aproxima-se ao teatro pastoril de Gil Vicente e na forma ao teatro Caroniano.

" A MUHRAIDA "
(Henrique João Wilkens (1819)

A Muhraida, poema de 1 819, escrito pelo soldado Henrique João Wilkens, traduzida da língua mura para o Português.

Foi o padre Cipriano Pereira Albo que o traduziu e publicou Perderam-se as últimas páginas. ~~O soldado residia em Mura.~~ Os muras habitavam a região da costa de Paricatuba, Terra Nova, Manacapurú e Careiro; subindo o Solimões até o Japurá. O sidado e o padre conheciam a lín mura.

O soldado Henrique João Wilkens foi nomeado para pacificar os índios e o poema versa sôbre esta ação. Matias Fernandes, um índio, auxiliou o soldado na pacificação.

Publicou-se o poema em Lisboa no ano de 1 819. É o 1º marco da Literatura Amazônica, pois o 1º marco da Literatura Brasileira foi a "Prosopopeia" de Bento Teixeira Pinto - 1 610.

Ambos são poemas pequenos, vazados no estilo camoneano clássico acadêmico.

Relações e Diferenças

A "Prosopopeia"- louva um individuo.
A "Muhraida" - é uma epopéia.

A "Prosopopeia" - foi escrita em louvor às virtudes de Jorge de Carvalho, governador de Pernanbuco. É um poema"louvaminheiro"

O intervalo - entre a Carta de Pero Vaz de Caminha e a Prosopopeia, regula o intervalo entre a viagem de Orellana e a Muhraida.

A MUHRAIDA
CANTO - I

I. Canto o sucesso fausto inopinado
Que as faces banha em lágrimas de gosto;
Depois de ver um século passado
Correr só pranto em abatido rosto.
5. Canto o sucesso, que faz celebrdo
Tendo o que a Providência tem disposto
Nos impensados meios admiráveis,
Que confirma os fins inesxcutáveis.

xxxxxxxx

1. Plantado pela mão Onipotente
Na semente da fé, da graça o fructo
Dispõe, que da colheita a inocente
Primicia se lhe offerta, que o producto
5. Antecipado seja, e permanente
Padrão desígnios seus, e de alliança
Disposição, motico d'esperança.

Obs. É um poema camoneano que foi escrito em oitavas.

I. ARCADISMO OU NEO-CLASSICISMO (1750-1850)

1º SONETO

Francisco José Vitro

Alcides Valeroso Triunfante
que vencendo consagros Rendimentos,
pois justamente vencido, sem Alentos,
Tevelo Duminado e Duminante

Vencido por Aquela Luz Brilhante
que na lembrança causaçe tais tormentos
quantos sam do sua Graça os Lusimentos
com que tem Duminado o Peito Amante

Vencentes A Hydra Feroz e venenosa
Esta, de Hércules, foi igual Prosna
E de tôda Ação mais decoroza

Mas hoje tudo Rendes Abeleza
dando-lhe com Vontade Grandiosa
Por Jubilcos os Triunfos desta Empreza

2º SONETO

Francisco José Vitro

Se para se cantar A crueldade
Apsunto nos dás, Brilhante Estrela,
Requeña já no luzimento
Torna de novo ao, Imíneo, Portento.

Resplandecem, Acompenhão
Mais Estrelas de cendente porporin
Na fflama decantadas desse
Cuyaquil mais exaltados

Selebrose com gosto duplicado
A vinda de Maria Luisa,
Que êste Arbe Piza.

Em Mortal Repita a
Portuguza e Espanhola gente
Viva Hespanha E Requeña no ossidente

(1ª OBRA LITERÁRIA SOBRA SURGIDA NO AMAZONAS)

MARIA BÁRBARA (soneto)

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Se acaso aqui hoperes, caminhante
Meu frio corpo já cadáver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto errante.

I. ARCADISMO OU NEO-CLASSICISMO (1750-1850)

(cont. do soneto Maria Bárbara)

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel, cravado o peito,
Cacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco fêo ao corvo altivolante:

Que d'hum inonstro inhumano, lhe declara
A mão cruel me trata desta sorte,
Porém que alívio busque à dor amara.

Lembrando-se que teve huma consorte
Que por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte.

" A' mamaluca MARIA BÁRBARA, mulher de hum soldado cruelmente assassinada no caminho da FONTE DO MARCO, perto d'esta Cidade de Belém, por que preferio a morte à mancha do infiel ao seu espozo".

Nota do próprio poeta.

Amazonas" (2 volumes" e "Memórias".)

DETALHES

Francisco Gomes de Amorim pertencia à escola Romântica em eclosão naquela época. A parte digo a par da escola Romântica também prendeu-se ao indianismo, porque seus dois livros são estruturados nas epopéias indígenas.

Em " Os Selvagens" trata da questão da Cabanagem cuja ação se passa no lago dos Autazes, e descreve a morte de Bararuá, nome de guerra de Ambrósio Aybes, que chefiou o movimento ~~da~~ contra a Cabanagem Seu nome de guerra era Bararuá, porque provinha da povoação de Bararuá. Personagem estranho; era estrangeiro, mas não se sabia de onde.

Com respeito ao "Cedro Vermelho" o assunto é também indígena. "Cedro Vermelho" é o nome de um tuchaua dos índios Jurunas que tem especial atuação no drama.

II. (1850) e (1900) CICLO DO CACAU - INTRODUÇÃO DO NATURALISMO

:- INGLÊS DE SOUZA - (introdutor da escola Naturalista no Amazonas)
- 1877 -

Entre várias obras publicadas sôbre Direito, figuram 3 romances amazônicos:

1. "Coronel Sangrado" - editado em 1877.
2. "O Cacaulista" - em função do cacau
3. "O Missionário"- editado em 1 888 (1a. edição)
   em 1899 (2a. edição)
   em 1946 (3a. edição) - 2 volumes

Além dos romances êle escreveu mais:

4. "Contos Amazônicos" - editado em 1893.

De tôdas as obras de Inglês de Souza a mais editada e a que mais sofreu crítica foi. "O Missionário".

Êle foi o 1º escritor naturalistado Brasil. Sua literatura vem em consequência do fenômeno do cacau.

Os romances de Inglês de Souza são romances de costumes e por isso chamados romances regionalistas.

Quanto às obras (novela, ficção, etc..) referem-se à região explorando o homem e a terra; chama-se, porisso, Literatura Telúrica.

Muitas obras no Amazonas abordando temas regionais não tiveram repercussão porque, ou editava-se em Manaus sem propaganda no exterior, ou as edições foram escassas e não tiveram projeção.

Obs. - Além das obras citadas, Inglês de Souza, escreveu ainda:
"História de Um Fazendor".
O romance " O Missionário" é uma das obras mais típicas do nosso naturalismo e um dos melhores romances brasileiros" (Enc. Prof. Jackson vol. X .)

A ECONOMIA E A LITERATURA AMAZÔNICA

A literatura amazônica pode ser relacionda sob vários aspectos com as atividades econômicas. Foi produzida em função econômica dos fatores abaixo:

1. Escravo (indígena, negro)
2. Cacau
3. Borracha

segue-

4. Castanha
5. Mineração
6. Juta

Estes fatores são considerados "Ciclos Econômicos" que motivaram a Literatura Amazônica. O "Ciclo da Borracha" foi o mais explorado. O "Ciclo da Castanha" deu origem ao romance "Safra" de Abiguar Bastos. O "ciclo da mineração" teve seu representante na figura da escritora paulista - Nenê Macaggi.

HERCULANO MARCUS INGLÊS DE SOUZA (BIOGRAFIA)

Herculano Marcus Inglês de Souza, nasceu em 1 853 e morreu em 1 918. Foi bacharel em Direito, jurista, deputado por São Paulo, membro fundador da "Academia Brasileira de Letras". Escreveu, ainda a obra: "Historia de um pescador".

Profundo conhecedor das coisas amazônicas, possuia um estilo simples e comunicativo em alguma coisa satírico. O que parece notável na obra de ficção de Inglês de Souza são os tipos retratados, todos êles fáceis de identificar como expressões da própria vida Amazônica. Encontramos ai descritos personagens como:

a) o pescador
b) o mariscador
c) o virador (de tartaruga e outros bichos de casco)
d) o remador
e) o artesão
f) o regatão
g) o coronel canaulista
h) o apanhador de cacau
i) os velhos tapuias contadores de histórias
j) os comboieiros
l) os vaqueiros

Encontramos além dêsses personagens típicos - os mitos e as lendas regionais.

Sua obra, igualmente se caracteriza pelo vocabulário regional. Exemplos:-

1) tipitis (esprenedores)
2) cuiambuca (cuia grande)
3) maqueira (rêde de tucum)
4) piracema (saida de peixe)
5) taquari (canudo pequeno pequeno de taquara)

Em 1881 - Barbosa Rodrigues públicou - "PORANDUBA AMAZONENSE"

::::::::::::::::

FREDERICO JOSÉ SANT' ANA NERY
(Conhecido por: Barão de Sant' Ana Nery)

1885-1889 *** FIM DO ROMANTISMO

O Barão de Sant'Ana Nery, nasceu em Belém a 3 de junho de 1848. Era irmão do Constantino e do Silvério Nery. Existe uma herma do Barão na Praça "Osvaldo Cruz". O corpo foi transportado digo transladado de Paris onde morreu, e se encontra no Cemitério São João Batista. Era descendente de uma familia italiana chamada Nero (que quer dizer Negro). Mas, a familia resolveu adotar "Nery", a fim de afrancesar o proprio nome, uma vez que, a cultura francesa dominava a época.

O Barão de Sant'Ana Nery, era pessoa erudita, formado em Direito Cursou a Universidade de Sourbonne e a de Bolonha (na Italia)

Entre as sua obras principais: "Folclore Brésilien", "Le pays des Amazones" (em 2 edições): uma em francês e outra em italiano - (1889).

Obra Secundária

"De Paris a Fernando de Noronha"- Esta obra é consequência do exílio a que foi condenado, suspeito de haver tomado parte na Revolução contra Floriano Peixoto.

Em Paris - o Barão de Sant'Ana Nery exercia a atividade jornalística e representava o Amazonas e sua política.

Foi condecorado pela Legião de Honra da França, pelas atividades desenvolvidas em favor da aproximação cultural da França com o Amazonas. Naquela época a aproximação era direta.

Foi grande amigo do astrônoma Camilo Flamarion. Divulgou com o jornalista Fernando d'Artri as coisas do Amazonas nos jornais franceses e italianos, inclusive nas revistas: "L'Illustration" e L'Amazone" (revista italiana).

Detalhes

Fala-se no "Folk-lore Brésilien" no folclore brasileiro, na poesia popular do Brasil, com passagem pela sistemática do folclore, até os mitos e lendas, finalizando com algumas partitura musicais.

Podemos acrescentar que há uma porção de textos indígenas, que não foram coletados por êle sendo transcrições da "Poranduba Amazonense" de Barbosa Rodrigues (1881)

Exemplo de uma das Lendas Originais, desta obra: "São Pedro e as cabas" (fábula). Esta fábula ou lenda não pode ser nossa por causa do próprio conteúdo da fabulização.

O prefácio desta obra foi feito pelo principe N. Roland Bona - parte que era um dos maiores folcloristas internacionais da época.

Quando no Brsil pouco se falva do folclore, já o Barão de Sant Ana Nery, tratava do assunto. Abeberou-se em Sílvio Romero; grande parte de seu material foi tirado das obras dêste folclorista brasileiro.

Quanto ao "Pays des Amazones" são mais observações pessoais ou estranha, sôbre a natureza, costumes, economia, do Amazonas. O Barão de Sant' Ana Nery faleceu em Paris em 1 901

Lenda de : São Pedro e as Cabas

Certa vez em que Jesus e S. Pedro passeavam, conversando. São Pedro dizia que não podia compreender porque certa pessoas sofriam sem merecer. Jesus nada explicou, mas passando por uma árvore, tirou uma casa de cabas e deu-a a São Pedro, dizendo: guarda-a até eu te pedir. São Pedro guardou-a em baixo da túnica. Após alguns dias, Jesus disse a São Pedro "Onde está a casa de cabas? E São Pedro replicou-lhe:- "Estavam me picando, algumas e matei; por isso, jôguei fora a casa e matei tôdas as cabas". E Jesus a êle:- "Agora compreendes porque alguns sofrem as consequências sem ter culpa".

Obs.- O tema é uma explicação sôbre o Pecado Original e suas consequências.

III. CICLO DA BORRACHA (1900) a (1910)

PAULINO JOSÉ DE ALMEIDA BRANO 1888-1900

Nasceu a 19 de abril de 1853. Era bacharel em direito e foi professor da Escola Normal de Belém. Dedicou-se desde a sua mocidade ao estudo da língua portuguêsa. Passa a ser o nosso 1º gramático e filólogo; apesar de haver vivido longamente em Manaus, radicou-se no Pará, onde faleceu em 1919, em Belém.

Pertenceu à Academia Paraense de Letras, (não havia ainda Academia Amazonense de Letras, pois o Amazonas estava ligado ao Pará); era muito erudito e escreveu duas gramáticas portuguesa, uma para o curso primário, adotada nos Estados do Pará e Amazonas; e uma Gramática Complementar, para os cursos adiantados ou para o curso médio.

Foi jornalista, romancista, poeta e contista. Como poeta escreveu dois livros: " Contos amazônicos", publicado no Pará em 1900, e "Noites em Claro" (obra esgotada), supõe-se publicada em 1888. Como romancista, escreveu: "O Homem das Serenatas".

Como contista, publicou "Contos e Romancetes". Foi o nosso maior poeta na década de 900, dotado de um lirismo elevado, muito sentimento afim à terra.

Nas suas poesias não explorou profundamente o tema amazônico deixando para fazê-lo no romance e no conto.

Exemplo de exploração do tema amazônico na poesia, temos o

poema- "Rio Negro". Como poeta o conhecemos. Pertenceu à Escola de Castro Alves, Melo Morais e Tobias Barreto. Extraiu Tirou de "Noites em Claro" e publicou em "Contos Amazônicos" algumas poesias. Falava bem o alemão.

- Estudo do Poema -
" Enterro e Noivado "

a) É um poema em quadras heptassílabas
b) Versos setesilábicos ou Versos de Redondilha Menor, com rimas graves, exceto: veó - ceó.
c) A última frase faz um trocadilho sentimental: ia a norta a seu noivado; e ia a noiva a se enterrar
d) Rimas
la. 2a. 3a. e 4a. quadra: abcb

Classificação das rimas:
rimas misturadas ou deslocadas, isto é, a 2a. rima com a 4a, a la. e a 3a. são sôltas - não seguem esquematização regular.

INTRODUÇÃO ÀS SOCIEDADES LITERÁRIAS

1900 - 1910

Temos dois fatôres que favorecem a densidade demográfica do Amazonas a partir do fim do século XIX para o início do século XX:
1. o fenômeno da borracha;
2. o fenômeno da transhumância - imigração nordestina.

O 2º fenômeno pode estar em função do 1º, ou não. No 2º houve a calamidade do nordeste em 1888 (dos 3 oitos) que obrigou muitos elementos do nordeste ao deslocamento para zonas melhores; quase coincidiram, porém, pois estava eclodindo o fenômeno econômico da borracha. Este 2º fenômeno chama-se "geografia das calamidades". De fato, a emigração contribuiu para o aumento da população e para a melhoria econômica.

Alguns elementos vieram mesmo atraídos pela expansão econômica do Amazonas. Como, por exemplo: engenheiros, para demarcar terras, ou pessoas para comprar terrars, professôres, jornalistas, médicos, pintores, juristas, advogados, filólogos, literatos, poetas.

Um dos engenheiros vindos para o Amazonas escreveu o 1º romance naturalista do Amazonas- "Os Desherdados", de Carlos de Vasconcebs. Outro engenheiro foi Alberto Rangel. Obras de Alberto Rangel foram os livros de contos:
1) "Sombras n'agua
2) "O Inferno Verde"

Ao lado do ciclo de fatalidade vieram os individuos atraídos pela riqueza que a Amazônia começáva a mostrar.

A máoria dos imigrantes, aquela que veio empurrado pelo fatalismo, foi para os seringais. Era analfabeta, mas ainda deu poetas populares como o ANTONIO JULIÃOZINHO" autor da "História de Etelvina".

Vieram nesta época ao Amazonas: Humberto de Campos, Viriato Correa, Gonçalves Dias, Euclides da Cunha, Otavio Mangabeira, José Américo Este último é autor de " O Bagaceira".

Gonçalves Dias veio ao Amazonas em missão oficial do Imperio para fiscalizar escolas, ajudou a coletar material para a la. esposição Internacional do Brasil, no Maranhão. Coletou muitos dados para seu livro "Os Timbiras". Escreveu um "Vocabulário"

Euclides da Cunha veio a serviço da Comissão Brasileira de Limites. Deixou para nós duas obras interessantes; " Margem da História" e "Bolivia versus Perú".

Euclides da Cunha possuia, mesmo para sua época um "estilo precioso" Tinha vocabulário de engenheiro. Cometeu êrro crasso, como engº., dizendo que o Amazonas "era a última página do Gêneses" e que o homem no Amazonas, era um intruso.

Começam então a aparecer em Manaus os folhetins. Alberto Rangel publicou como la. obra um conto. "A Paralitica". Um dêsses romances chama-se:

O periodo de 1900-1910 foi de franca expansão econômica [illegible] -

cultural. Temos até 1 910.

1. Poesias
2. Contos
3. Romances
4. Crítica Literária
5. Teatro.

O Ambiente literário exterior, obrigou a muitos dos nossos intelectuais a uma produção literária também. A construção do Teatro Amazonas, por exemplo, foz surgirem as las. peças e revistas de: Taumaturgo Vaz - dentro do gênero Revistas. Foi poeta e teatrólogo. Como poeta deixou o livro "Cantigas"; como teatrólogo deixou várias revistas, sendo a mais famosa " O Patureba". Tornou-se esta revista tão famosa que seu autor passou a ser conhecido pela alcunha de "Patureba". De Coriolano Durand sua obra mis célebre foi o drama " A Chama (também representada em Buenos Aires, Argentina) e duas comédias, entre elas "Vende-se" além de uma opereta; "A Marquesinha" (música de Donizetti Gondim).

Coriolano Durand era também poeta. Escreveu " Ahipótese das Cebolas", romance policial. Aluisio Azevedo exaltou Coriolano Durand e sua obra.

Havia no Amazonas, durante êsse tempo, numerosas Sociedades Literárias e Grupos Literários como: "Camões", "Gil Vicente", "Pestana" os quais programavam movimentos literários.

O movimento literário que conseguiu maior projeção foi a Sociedade dos Homens de Letras", da qual surgiu a Sociedade Amazonense de Letras - em 1909.

O maior dramaturgo amazonense destaépoca foi: Renato Viana. Deixou obras como: " A Última Encarnação de Fausto", " O Homem Silencioso dos olhos de vidro", "Deus", "Nada", " O Divino Perfume".

"Deus" e "Nada", ainda são encenados hoje. Renato Viana estreou aos 15 anos como autor e artista.

Quando houve a crise da borracha muitos dêsses elementos, dêsses literatos, se evadiram da região amazônica. Outra grande figura da época foi Carlos de Vasconcelos (já citdo), com as obras; "Os Desherdados", "A Divina Tragédia" e "Cartas da América". Era Engº., materialista e cearense. Faz, por isso, em seu livro - "Os Deseherdados" a apologia do cearense no Amazonas. É um livro tendencioso: Diminuiu o cabôclo amazonense para projetar o cearense.

1909 - Marca o período da decadência econômica da borracha e, consequentemente, do Amazonas. Marcou também a debanda dos intelectuais, todos enriquecidos aqui. Assim, houve uma decadência cultural por falta de estímulo.

No período Aureo muitoas de nossas obras foram publicadas no exterior: França, Inglaterra, Portugal, etc..., onde o papel e o serviço gráfico eram bons e o preço convidativo. Outro fator dessa publicação no exterior era a repercussão, pois a crítica se encarregava de fazer a cobertura.

Houve também muitas tragédias morais nessa época: riqueza adquiridas pela fraude; súbita perda dessas riquezas, provocando suicídios, loucuras e outros males.

$$$$$$$$$$$$$$$$$$$$$$$$

Diferança entre F. de Castro e Carlos de Vasconcelos (1903-1928)

Ambos escreveram romances baseados no fenômeno econômico da borracha: "A Selva" e "Os Deserdados"

Ferreira de Castro - escreveu, porém, "romance reportagem" isto é, foi uma história vivida, era experiência dêle próprio. A autor viveu como seringueiro, sofreu e aparece como um dos personagens. "A Selva")

Carlos de Vasconcelos - produziu um romance ficcionista, irreal, Era agrimensor, cearense. Fazia medições de terras pelo interior. Transferiu para o cearense do Amazonas o que o cabôclo sofria no interior. Os episódios mais importantes transferiu para o Cearense. Daí ser sua obra um "romance"falso" (Os Deserdados")

Conclusão- do 1º tivemos um "romance reportagem"; do 2º, um "romance ficcionista", falso.

De 1900 - 1910 - aparecem nesta fase romances literátos digo literários "tipo folhetins", isto é, só publicados nos jornais.

TAUMATURGO SOTERO VAZ (Parnasianismo)
(Vulgo "O Paturoba")

- 1906 -

Prosseguindo com a Plêiade Parnasiana, chega-se ao poeta e escritor, Taumaturgo Sotero Vaz. Foi o mais boêmio dos poetas radicados no Amazonas. Era Natural do Piauí, onde nasceu a 30 de julho de 1869.

Cursou a Faculdade de Direito do Recife e, vindo para o Amazonas, aqui exerceu vários emprêgos, inclusive como diretor do Teatro Amazonas. Exerceu o jornalismo. Era dado à crítica, razão porque em várias oportunidades foi espancado pela Polícia governamental.

Era desaforado, valente, feio. Foi cognominado de Paturba, por causa de uma Revista de Costumes, escrita por êle, com êste mesmo título. Esta Revista foi representda no "Teatro Amazonas" (Consultar a obra "Teatro Amazonas" III volume - Mário Ypiranga Monteiro)

Além dessa Revista " O Paturoba", escreveu outras Revistas, em colaboração, as quais também foram representadas no Teatro Amazonas. Numa dessas Revistas, em 1910, escreveu uma paródia contra o governador Bittencourt que havia despojado do govêrno . A paródia foi colocada na música da "Viúva Alegre". Ao ser reintegrado no cargo, Bittencourt, mandou dar uma surra no autor da paródia.

Deixou, Taumturgo Vaz, um livro de Versos intitulado:
"Cantigas " salientando-se o soneto "SANTA".

O PARNASIANISMO - JONAS FONTINELLI DA SILVA : 1900-1901

O Parnasianismo projeta-se em 1910, destacando-se nêle dois períodos:

1. período - anterior a 1910, compreendendo uma etapa iniciada em 1900.

2. período - iniciado em 1910.

A plêiade dos poetas parnasianos alcançou, no primeiro período, um grande apogeu. Depois, as dificuldades financeiras da época, impediram a divulgação de seus trabalhos.

Do período anterior a 1 910, é o poeta - Jonas Fontinelli da Silva, cujos primeiros livros - "Anforas" e "Uhlanos", marcam a 1a. fase de atuação dêsse poeta. Seus versos freqüentaram as "Antologias Nacionais"

1. "Anforas" - foi publicado no Rio de Janeiro, em 1900.
2. "Uhlanos" - foi publicado no Rio de Janeiro, em 1 901.

O gênero poético de Jonas da Silva persistiu, geralmente, na forma de Sonêto. Entre seus sonetos destacam-se dois: o soneto "Santa Teresa" e o sonêto "Coração", ambos da 1a. fase da vida literária do poeta.

"Santa Teresa" - é um sonêto antológico que imita o simbolismo de Cruz e Souza e de B. Lopes.

O poeta passou por 3 fases em sua produção literária:

a) na 1a. fase - foi parnasiano

b) na 2a. fase - ficou situado entre o simbolismo e o parnasianismo.

c) na 3a. fase - não se pode julgar seus sonêtos, pois voltam a ser sonêtos de principiante, muito medíocres.

A 2a. fase da vida intelectual de Jonas da Silva está representada por seu livro "Cruzadas" - impresso em Manus.

RESUMO BIOGRÁFICO

Jonas Fontinelli da Silva, nasceu em Paraíba, Estado do Piauí , a 17 de dezembro de 1 880.

Faleceu em Manaus a 5 de junho de 1 947. Era cirurgião-dentista.

Seu pai foi o odontólogo, Antonio da Silva e sua mãe D. Firmina Fontinelli da Silva. O Sr. Antonio da Silva era também um versejador nas horas livres.

Jonas da Silva foi um dos fundadores da "Academia Amazonense de Letras". Publicadas ~~já~~ deixou apenas as obras já citadas: Anforas e Uhlanos.

Um dos contemporâneos e amigos especial de Jonas da Silva foi o grande poeta Costa e Silva, que deixou publicada apenas a obra: " CORAÇÃO".

O s sonetos "Coração" e Sta. Teresa", são extraviados do livro "Uhlanos".

- MARANHÃO SOBRINHO -

" José Augusto Américo dos Albuquerques Maranhão Sobrinho"

Maranhão Sobrinho, Teódoro Rodrigues e Anibal Teófilo, levavam uma vida boêmia em Manaus. O primeiro e o último foram os mais brilhantes. Anibal Teófilo foi assassinado por Gilberto Amado no Rio de Janeiro. Maranhão Sobrinho morou na Cachoeirinha. Nasceu em Mata da Corda no Maranhão a 25 de dezembro de 1879. Faleceu na mais completa miséria numa barraca - na cachoeirinha, a 25 de dezembro de 1915, quando completava 35 anos de idade; estava abandonado e esquecido.

Além de muitas poesias esparsas, publicou 3 livros de versos: "Estatutetas" (1903); "Papeis Velhos" (190?); "Vitória Régias", que contém muitas poesias de "Papéis Velhos"-(Manaus, 1911) Deixou um livro de contos :"Sinhá Borges" - mas, não foi encontrado êste material. Era parnasiano. Seu Soneto mais célebre foi "Soror Theresa". Era um poeta antológico, isto é, frequentava as Antologias.

Maranhão Sobrinho fazia concorrência a Anibal Téofilo.

Conhecia várias línguas, inclusive o alemão. Traduziu várias peças do alemão e do inglês, como, por exemplo, uma "velha balada alemã"

- Detalhes -

Um episódio num café -

Certo dia estavam os três poetas bebericando num café da cidade, quando uma jutiti esvoaçando, ligeirinha veio beber junto a êles. Este episódio fez surgir um belíssimo terceto composto Assim:

1. A juriti da mata, a poetisa - Maranhão Sobrinho
2. Calçando Sapatinho côr de rosa - Teodoro Rodrigues
3. Abranda areia do caminho pisa - Anibal Teófilo.

obs. É êste um tipo especial, a "terça rima" (terza rima).

Estudo do Soneto "Soror Thereza"

1a. quadra: a b a b
2. quadra: a b a b

1º terceto: a b a
2º terceto: a b a

Espécie de rimas consoantes ou puras; ricas.
Tipos de rimas:
- das quadras - cruzadas, alternadas, entrelaçadas ou entrecruzadas.
- dos tercetos - intercaladas ou apostas; a disposição é a - a -
- dos versos em conjunto - são rimas graves.

Tipo dos versos.

versos decassilábicos sáficos: 4 - 8 - 10
versos polírrimos - pos apresentam mais de uma rima : abab

Enterro e Noivado

Paulino José de Brito (1888 a 1900)

Sairam da mesma rua
um enterro e um noivado
e dentro em pouco passavam
morta e noiva lado a lado

Ambas de branco vestidas
ambas de cândido véo!
Uma ao altar caminhava,
já estava a outra no céo!

Qual julgavam que ia risonha?
Qual a que chorosa estava?
Talvez o leitor se engane,
porque se as visse, pasmava

Pois talvez dissera, vendo
sorrir uma, outra chorar
que ia a morta ao seu noivado,
e ia a noiva a se enterrar!

****

SOROR THEREZA

Soneto célebre de Maranhão Sobrinho - 1908

... E um dia as monjas foram dar com ela
morta da côr de um sonho de noivado,
no silêncio cristão da estreita cela,
lábios nos lábios de Crucificado...

Sòmente a luz de uma piedosa vela
ungia, como um óleo derramado,
o aposento tristíssimo de aquela
que morrera num sonho, sem pecado...

Todo o mosteiro encheu-se de tristeza,
e ninguem soube do que dôr escreve
morrera a divinal Sóror Thereza...

Não creio que, do amor a morte venha,
mas sei quê a vida da Sóror boiava
dentro dos olhos do Senhor da Penha.

****

1901 - ESCOLA PARNASIANA

SANTA THERESA - JONAS FONTINELLI DA SILVA

I

Santa Theresa de Jesus, os sinos
Levam o teu nome aos vales e às montanhas
E o teu nome ressurge das entranhas
Da terra , após, em lírios peregrinos.

Que não ouças as súplicas estranhas
Das nove nas e lânguidos violinos;
Ouve-me o verso, falo-te nos hinos
Que entendeste, Tulipa das Espanhas.

Venho em nome das almas das guitarras,
Almas que entoando mil canções bizarras,
Vão pela noite legendária e branca.

Para adoçar-te me prosterno e humilho:
Em vez do incenso, trago-te o tomilho
E um manto real do sol de Salamanca.

II

Os versos nascem como as andorinhas
Elas - na tarde de uma ermida ao vento;
Eles - na torre azul do pensamento;
Partem depois sonorizando as vinhas...

Santa Theresa, que o meu verso e as minhas
Frases, subindo a êsse País nevoento,
- Aves de prata, morram sem alento
Junto aos pés da mais doce das Rainhas.

E quando a morte, em derradeira escala,
Quebrar-me o Harmonium trêmulo da fala,
Quando o silêncio amortalhar-me a língua,

Leva-me, ó luz consoladora e calma,
Que eu tenho um Sahara tenebroso n'alma
E os cordeiros da fé morrendo à míngua.

****
****
****

OBS. : SONÊTO DUPLO

1906 - ESCOLA PARNASIANA

SANTA - MAURICIO BOMBO VAZ

É a Santa, Amor, o teu de chamar-te santa,
Pois outro nome te não fica bem:
Nas igrejas a gente reza e canta...
Perto de ti eu rezarei também.

Pára-me assim! O braço tem levanta
E bonsa o crente que adorar-te vem,
Eu trago flores pra enfeitar-te Santa,
Trago relíquias do Jerusalém.

Trago no peito o teu altar erguido,
Dos olhares profanos escondido,
Longe de tudo, só de mim bem perto.

Santo o só santa, hei de chamar-te, Amada,
Seja teu beijo a hóstia consagrada
E o céo azul, imenso pálio aberto!

****
****

1911 - ESCOLA PARNASIANA

A CEGONHA - ANÍBAL NOBRE

Na solidão, plácida cegonha
Imersa n'um cismar ígneto o vago
N'um fim de ocaso, à beira azul de um lago
Sem tristeza, quem há que os olhos ponha?

Vende-a, Senhora, vossa mão sonha
Talvez, que o conto de um palácio mago,
Louca fada perversa, em tredo afago,
Indeu n'essa pomalha erma o tristonha.

Mas eu, que em prol da luz, do pátreo, desso
Vêa do Não Sêr, tanto a escalada
Qual moroso, tenaz paciente lesma,

Ao vê-la, assim, mirar-se n'água, penso
Ver a Dúvida dolorosa humana debruçada
Sobre a angústia infinita de si mesma.

****
****

CID LINS

Nasceu em Lagartos, estado de Sergipe, a 26 de abril de 1 889. Faleceu num desastre de trem a 20 de março de 1925. Não deixou obra publicada mas, sòmente, artigos e poemas nos jornais de Manaus e Sergipe.

Faziaparte da Plêiade: Maranhão Sobrinho, Anibal Teófilo, Raimundo Monteiro e outros. Humberto de Campos esteve por aqui nesta época e fez também ~~xxxx~~ parte da plêida, constituidas destes e decutros literatos que se destacaram no Amazonas. Uma das mais sugestivas poesias de "Cid Lins" é o "POR DO DOL", qu e escreveu veros em frnacês, deixando um caderno de poemas inéditos.

"Cid Lins veio para o Amazonas a convite do Dr. Jónatas ~~xxx~~ Pedrosa, amigo particular do seu pai. Cid Lins buscou a Amazônia ao tempo do climax da borracha, quando Manaus se constituia a metrole maravilhosa do mundo econômico, e em suas artorias fervilhava uma sociedade etergênia e ambiciosa, conversa ao novo bezerro do ouro negro. Como ele, muitos outros intelectuais, artistas, advogados, professores, cujos nomes ficaram definitivamente ligados à nossa estória e a nossa familia a exemplo de Alberto Rangel, Anibal Teófilo, Ernano Stradelli, Vespasiano Ramos, Maranhão Sobrinho, Ferreira de Castro, Carlos Dias Fernandes, vieram seduzidos pelos cartazes retumbantes que transformaram esta bucólica região de malária e de feras numa outra Potosi encantada, escorrendo pelos flancos as levas auriferas.

" Por do Sol "

Hora crespular... Ave Maria, ~~xxxxx~~... sôando...
~~xxxxx~~ Tôrres de Catedral cobertas de anorinhas,
Vindas de longe terra e no verão cantando.
Saudades de seu rancho a beira das casinhas.

Há pouca luz no campo. As avos se calando,
Em poleiram-se com em todas as tardinhas,
Arrulam jurytys nos ramos se casando,
Passam moças cantando umas gentis modinhas.

Borbulha duma fonte água num som fomente ,
E vai descendo em fio a murmurar sonora,
Coleando em deslise, em curvas de serpentes

Como um candil de luz o sôl agora expira...
Quanto dôr evocada ao esmorecer dessa hora,
Quanto tristeza n'alma esse momento expira'...

(inédito)

RENATO VIANA- estreou em 1 918 como autor em "Voragem", sua segunda peça foi "salomé". (Renato Viana nas estreou com Voragem, mas sim com um Sainete chamdo a "Prova") sua terceira peça em 1920 foi "Fantasmas.

Fundou a primeira companhia, que terminou com a primeira catástrofe; a penhora e execução judicial de tudo quanto possuia.

Outros fracassos se sucederam.

Suportou-os sempre sem se considerar vencido. Lutou sofreu amargurou, E a luta prosseguiu. Só descançou quando morreu. Enquanto vivo continuou a sentir no teatro o fascínio, a atração, a sedução trágica do seu espírito.

PRIMEIRO ATO
(da peça)

SEXO E DEUS

(Uma sala rica no Palacete Linhares. É pela manhã. Cecy estuda piano. Passa um momento e entra Carlos, que vai estirar-se numa poltrona, leno um jornal e fumando. Cecy, que o viu entrar, enterrompe o estudo e vai sentar-se ao lado dêle)

CECY

Bom dia, seul mal educado ! É assim que se amanhece entre gente civilisada?.

CARLOS

Bom dia, Cecy. Estava aqui entretido com este jornal e não quis interromper-te.

CECY

Sou menos requintada do que tu, que não quiseste interrompe-me...

CARLOS

Ao teu estudo.

CECY

Ao meu estudo... e a tua leitura. (Um gesto vago de Carlos). Exigo meu beijo! (Dá-lhe a fronte e êle beija, mergulhando em seguida no jornal). Bem vejo que estais maçado. É a sorte de quem chega pela madrugada e dorme até ao meio dia.

Carlos

Eu esta noite até que cheguei cedo...

CECY

Serás capaz de confessar-me a hora exata?

CARLOS

Pois não: às quatro e meia.

CECY

Bravos! Matinalissimo, não há dúvida!

CARLOS

(Compreendendo as ironias). Não faças ironia. Cheguei meia hora antes do que o tio João...

CECY

CECY

Ótimo! Não pode haver melhor padrão para a medida da tua conduta. O tio João!

CARLOS

Que queres dizer com isso? O tio João.... é o tio João! Um sujeito muito respeitável

CECY

Um boêmio é o que êle é!

CARLOS

Não é boêmio todo mundo. Só é boêmio quem pode. Para isso a gente nasce rico. O tio João não tem culpa de não precisar trabalhar. Precisa empregar o tempo em qualquer coisa. À falta de coisa melhor, distrai-se.

TRECHO DA PEÇA A CHAMA (CORIOLANO DURAND)

CENA PRIMEIRA

COMENDADOR, CARLOS E ARTUR
(Entram todos pelos fundo, logo ao abrir-se o pano, a conversar)

O COMENDADOR

- Deixemos lá os rapazes dar à perna. É bom para êles que ainda têm a mocidade para lhes escaldar os angue.

CARLOS

- Além disso abafa-se no salão. Aqui estaremos mais à vontade. Ao menos, refresca-nos a aragem que sobe do jardim.

ARTUR

- E permita-me, meu caro comendador, que o felicite pela explendida festa que nos oferece. É de um gôsto inteiramente delicado.

O COMENDADOR

- Aceito os seus cumprimentos únicamente para os transmitir à Silvia, que é autora de tudo isso.

CARLOS

- Queira, então, aceitar parabens por tê-la escolhido para sua mulher.

O COMENDADOR

- Obrigado. Em todo caso esta recepção não alcança a celebridade das que o meu amigo (aponta Arthur) costumava dar antes de se haver tornado o forrêta que hoje é. .....

XXXX

1910 - Debacle da borracha -

QUINTINO CUNHA - 1910 - escreveu "PELO AMAZONAS", era poeta bissextos.

ANÍBAL TEÓFILO (1873 - 1915)

Nasceu, Aníbal Teófilo, no Paraguai em 1 873, falecendo a 19 de junho de 1 915 assassinado pelo escritor jornalista Gilberto Amado, em virtude de um atrito no pátio do "Jornal do Brasil". Veio para o Amazonas muito novo em conseqüência do surto da borracha. Aqui êle se firmou no Jornalismo e escrevia nos jornais, na parte redacional; colaborou no "O Tempo ", "Quovadis", " Jornal do Comércio", "O Amazonas". Foi sócio fundador da "Sociedade dos Homens de Letras".

Escreveu um único livro: "Hinas", publicado em Portugal, em 1911. Era um boêmio que formava ao lado de Adriano Jorge, Maranhão Sobrinho, Teodoro Rodrigues, Taumaturgo Vaz, Quintino Cunha (cearense) Esta obra teve sua edição custeada por um cidadão, empreiteiro, que enriqueceu aqui - Herculas Weaver.

O livro é divido em duas partes- I - Musa Erradia; II - Folhas de Um Poema .

Quando houve o bebacle da borracha, Aníbal Teófilo transladou-se para o Rio para trabalhar no "Jornal do Brasil" onde foi assassinado.

A cultura criada por êles era instável; não tinham êles raizes na terra: mas a cultura estável ia se formando aos poucos.

A obra de Aníbal Teófilo está vazada no estilo parnasiano da época, mas há nela uns laivos do simbolismo de Cruz e Souza e B. Lopes que eram na época os representantes máximos da Escola Simbolista do Brasil. Poeta Antológico, corre pelas Antologias o seu famoso Soneto : "A Cegonha" que foi vertido para o francês pelo poeta amazonense, Argemiro Jorge. Foi indgavelmente, um grande poeta.

Estudo do SOLTO

Rimas:
a) quanto à disposição (dos quadras) opostas ou intercaladas.

esquema: a b b a

b) quanto à disposição (dos tercêtos)
esquema : a b c - alternadas
a b c

c) quanto à qualidade : ricas ou opulentas

d) quanto à intensidade : graves (pal. paroxítonas)

Classif. do verso: Decassílabo heróico.
Segmentação: 6a. e 10 - recaiem os ictos nestas sílabas (rítmica)

Dr. CORIOLANO DURAND (DURAMS)

Nasceu em Manaus a 12 de abril de 1 877, falecendo a 23 de março de 1 937. Fez sues estudos primários no antigo Ateneu , colégio do Prof. José Esteves.

Foi professor catedrático de Francês do antigo "Ginásio Amazonense D. Pedro II". Viajou para a Europa, lá entregando ás originais da sua comédia em 3 atos: " A Chama", publicada em Milão, na Italia, em 1 1 912.

Essa comédia foi muito bem recebida pela crítica do País, inclusive bastante elogiada pelo comediógrafo brasileiro Artur Azevedo.

Não foi representada em Manaus pela companhia do Dr. Cristiano de de Souza por falta detempo, representando-se, toda via, a comédia "Vende-se" que não foi publicada, mas chegou a partiolpar com a "Chama" da "EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO". Depois dessa vocação para o Teatro, Coriano digo Coriolano Durand escreveu vários contos Regionais entre os quais, podemos citar: "O Norte que Riu" e "O Cuabirano".

O professor Coriolano Durand, também deixou um livro de poesias inéditos e publicou na Revista "Redenção" de 1 924 o episódio trágico em versos, denominado, "ZA JUNU SIUCK".

Como experiência literária ou exercício de espitito escreveu e publicou na Revista "Cá e Lá" o Romance policial " AHipotese das Cebolas" sob pseudonimo de Flávio Dornellas.

Em co-autoria escreveu a operata "A marquesinha" representada apenas uma vez no Teatro Amazonas.

O músico João Donizetti Gondim se encarregou da parte musical da operata.

Um detalhe importante da vocação teatral de Durand, é que seus personagens, eram verdadeiros prototipos sociais. Da sua técnica teatral experimentada e amplamente elogiada fazia com que as personagens se movimentassem durante toda a cena, não permitindo que o expectador ficasse aguardando as cenas nos intervalos.

Além do mais, na sua comédia "A Chama" pelo que se pode julgar da leitura os diálogos são curtos e precisos, rarissimos são os diálogos que tem mais de 5 (cinco) ilnhas. O tema dessa peça e baseado no tradicional triangulo amoroso : Ele, ela e outro.

- Período de 1 922 a 1930 - (MODERNISMO)

No período de 1 922 aparece a segunda edição dos "Deserdados" (Carlos de Vascincelos)

As obras aparecidas de 22 a 30 não apresentam reflexos da Escola Modernista. Só vai haver reflexo precisamente entre -

Anteriormente tivemos vários ciclos econômicos, que influenciaram a Literatura.

Surge uma " Nova Literatura" em 1 930. Surge também um novo Ciclo" um "ciclo social" - de literatura atracionista ou de escandalo, com função telúrica.

MÁRIO DE ANDRADE - Foi conhecido na época como " O Papa do Modernismo" (em São Pulo). Escreveu "Macunaíma" (Periodo Verde-Amerelo)

ANONIA DE MEDEIROS - "JAIACHI"

MODERNISMO EXPONTANEO (1 925)

AURÉLIO PINHEIRO (1 926) Escreveu "Desterro de Humberto Saraiva "Gleba Tumultuária" (contos) - " Em busca do Ouro" Romance (1938). Este romance foi escrito antes no Amazonas com o nome de OURO DE SUCUNDURI

- FRANCISCO PEREIRA (vulgo chico quiabo)

Francisco Pereira - escreveu"poemas Amazônicos" (1 927)
(obra de tendência Nacionalista - Nativista - da Escola Modernista)

Francisco Pereira não é amazonense, chegou em Manaus em 1 911, vindo do Rio Grande do Norte, onde nasceu a 7 de setembro de 1 890. Seguiu, então, para o Acre; possivelmente vivendo enterrado no Acre, não tomou conhecimento dos assuntos nacionais.

No entanto, conheceu bem a região. Esteve na Maloca dos Índios Canamais. Daí, toda sua poesia ser telúrica, pois está toda cheia da Amazônia.

Sua obra reflete a tendência nacionalista da Escola Modernista, sendo também nativista, porque se restringe a determinada região.

Como Raul Bopp, o autor emprega onomatopeia. Não pesquisou em segunda mão, mas in loco, poderiamos dizer que seus poemas são verdadei-

ra exaltação étnica, diferente dos de Francisco Galvão que, mesmo se afastando nos seus últimos poemas da pesada forma parnasiana, conserva o objetivo subjetivo, isto é, aquilo que se chama "confissão" (exteriorização do "eu"), a obra de Francisco Pereira, ao contrário é expositiva; não fala dêle próprio, fala dos outros, canta a terra, canta o homem.

No Parnasianismo e no Romantismo, encontra-se a confissão egocêntrica; Na poesia modernista de tendência nacionalista, nativista, telúrica, encontra-se a forma expositiva narrativa.

Não é a forma exterior do verso que caracteriza a poesia modernista nem o conteúdo ideativo, mas o conteúdo expositivo- narrativo. A poesia egocêntrica é marcada de introspecção, é uma poesia intimista - é a de Francisco Galvão. A de Francisco Pereira é Panteísta, cósmica.

CICLO DA CASTANHA

(literatura de circunstância)

ABGUAR BASTOS - escreveu safra (no ciclo da castanha)
"Terra de Icamiaba"
Apesar de não conhecer o Amazonas, explorou, como os outros deste grupo, os temas amazônicos.

VIANA MOOG- escreveu romances amazônicos " O CICLO DO OURO NEGRO".

RAUL BOPP

Obra - "COBRA NORATO" e outros poemas (6a. edição 1 956 Rio)

Esta obra é uma contrafação literária, pois o autor escreveu sobre o que ouviu falar e escreveu mal.
O ter falado mal, justifica-se por não ser o autor daqui da região amazônica. Da lenda da cobra Honorato, há muito pouco em sua obra. Contudo, era uma pessoa erudita. Sua poesia é muito melhor do que a de Violeta Branca.
Convence mais por ser melhor estruturada.

BENJAMIN FRANKLIN DE ARAUJO LIMA

O teatrólogo Araujo Lima faz parte do grupo de intelectuais do periodo de 1 920 a 1930, que representam a expressão máxima da literatura amazonense.
É o teatrólogo genuinamente credenciado, pois suas peças teatrais foram não sòmente representadas no Brasil pelas maiores companhias como foram criticadas, e, uma delas " O Homem que marcha" recebeu o premio da Academia Brasileira de Letras, depois de severamente combatida, por causa do aspecto naturalista.
As peças "O Homem que Marcha" e o "Homem que Ri", foram lidas lidas para o público do Teatro Amazonas, em várias sessões, e existem lá no Teatro, referências a êsses peças, numa placa.
Anotamos entre as peças principais, além das já citadas, mais uma apenas; são portanto:
1. O Homem que marcha
2. O Homem que Ri
3. A Revolta do Idolo

Além de teatrólogo, Benjamin Lima também foi critico literário e jornalista. Possui mais um livro de critica : "Esse Jorge de Lima". Foi a primeira e mais autorizada critica que se fez no Brasil ao poeta Jorge de Lima.
Outras peças:
1. O Martirio de Don Juan - editada em 1 936
2. O Carrasco - editada em 1 929 .
3. O amor e a Morte - 1933 -
4. Venenos

Venenos foi editada em 1 948, pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

5. Babilonia - editada em 1 934 - O Carrasco - 1 929 -

BIOGRAFIA

Benjamin Franklin de Araujo Lima, nasceu em Obidos, no dia 27 de novembro de 1 888, e faleceu no Rio de Janeiro a 9 de janeiro de 1 948.

Edecou-se no Amazonas, para onde veio, em virtude do pai haver sido nomeado Juiz de Direito.

Estudou no Colégio Sta. Catarina, onde estudaram os grandes intelectuais da época.

INFLUÊNCIA MODERNISTA -
FRANCISCO GALVÃO

Obra : TERRA DE NINGUEM

A obra "Terra de Ninguem" de Francisco Galvão, aparece com o titulo de Romance mais é uma novela; menos dinamica, mais condensaso na ação, as ações das personagens são mais precipitadas.

O titulo romance é, portanto falho, não correspondendo as caracteristicas próprias do romance, os processos usados para o desenvolvimento da obra.

Analisando a obra pode-se se considerar;

1º. Falhas (quanto ao gênero)

a) falta dinamismo nas ações
b) dimensão no enredo
c) densidade psicológica
d) trama

2º. Gênero real;

Quanto ~~xxx~~ a seu gênero real, a obra é uma novela tipo reportagem devido a vivência do autor ou sua participação na ação.

3. A ação ou enredo .

Esta ação é vivida na primeira pessoa (eu)

4. A tendência ou corrente literária;

A obra pertence à Escola ou corrente naturalista amazonense. É a terceira obra naturalista em materia de ficção, é ainda a primeira novela socialista surgida no Amazonas.

5. Personagens principais

a) Capitulino - agente de dissolução, pregador das doutrinas socialista.
b) Anatólio (é o próprio autor) - É o héroi - abandona o curso ginasial para defender o seringual de propriedade de Manuel Lobo no Rio Madeira (Humaíta)
c) Manuel Lobo, seringalista explorador e barbaro, que não dava saldo aos seringueiros; os seringueiros que tivessem saldo êle mandava matar.
d) D. Rosa - tipo da mulher doméstica, bondosa, caseira, simples, esposa de Manuel Lobo.

Há na união destes dois nomes;

Lobo
Rosa -

um processo de contradição, que caracteriza o caráter de cada um, e chama atenção para o contraste de sua união

e) Advogado - filho do casal
f) Nadesca - filha do casal, irmã de Wagner, educada no Colégio Notre Dame de Sion.

Nota-se aqui outro caso de contradição;

Nadesca que já tinha nome Russo, ao sair do Colégio Religioso, tornou-se partidária das ideias extremistas ou de socialismo avançado era contra a exploração humana feita no seringal pelo seu pai.

6. personagens de atuação inferior ou secundária:
Estes personagens em número de dois, vão servir para dar o tom de tragédia à obra; são :
a) Zé Vicente - Homem pervertido sexualmente e mulherengo; por ser proibida a entrada de mulheres no seringal, chegava a usar os animais.
b) Felica - filha de um nordestino que foi violada por Zé Vicente passando a viver com êle, depois, porém, apaixonou-se por Wagner, Aqui entra o velho caso do triangulo amoroso. Ele, ela e o outro, o outro na situação em foco é Wagner. Zé Vicente, levado pelo ciúme selvagem vinga-se de Wagner emasculando-o e, obrigando a própria Felica a ajuda-lo no ato bárbaro.

7. Época da ação:
A novela passa-se entre 1 922 e 23. Por isso o autor faz uma crítica velada a Alvaro Maia, chamando-o " Promotor de Helenas Grandes e idéias curtas.

8. Síntese do enredo:
Nadesca e Anatólio tinham a mesma idéia extremista, ao se conhecerem sentiram-se atraídos ideológicamente e materialmente. Ela era partidária do amor livre, e expôs isso a Anatólio, enquanto passeavam na floresta. O Resultado é a união dos dois. Nadesca fica grávida. O pai descobre-lhe a gravidez. Depois tudo se precipita, devido a vingança que Manuel Lobo preparava contra Anatólio. Nadesca, Capitulino e Wagner, se unem para atacar o barracão. O ataque e realizado pelas turmas de seringueiros impulsionados pelos três chefes acima. Há muito tiroteio. Manuel Lobo e D. Rosa, morrem a balas. Segue- se o saque do barracão e após, a inalterável continuação da vida na floresta naquela "Terras de Ninguém",

"VITÓRIA RÉGIA " (edição de 1 912)
Francisco Galvão -

No gênero poesia, Francisco Galvão, filiou-se em parte, à Escola Modernista de sua época. Conheceu deperto aos mensageiros desta Escola literária, quando êstes estiveram em Manaus. Porém, a influência recebida foi pequena, não se podendo asseverar se o autor aceitou integralmente a estética modernista, ou se a influência total do modernismo, em suas várias tentativas, foram por êle aceitas.
As tendências modernista em sua época, foram :
1 . Desvairismo
2. Nacionalismo
3. Purismo
4. Futurismo
5. Intimismo
6. Dadaismo
7. Antropofagia
8. Nativismo e mais algumas

A explosão do Modernismo fez surgir tendências divergentes na Escola Modernista. O desvairismo desapareceu. Foi uma tendência modernista que apareceu na revista paulista: "Terra Roxa e outras Terras" as tendências naturalista digo nacionalista e nativista, recaiam no Neo Romantismo. Ex. desses fenômenos literários são as obras :
"Cobra Norato" (poesia) e "Macunaíma" (romance). Estas obras surgiram para modificar a tendência Naturalista e Nativista, recaindo, porém no Neo Romantismo.
"Cobra Norato" e "Macunaíma", como produções modernistas são falhas, porque não correspondem à realidade, embora escritas p/justificar as tendências Nacionalista e Nativista da E. Modernista.
Quanto a Francisco Galvão uma análise de sua obra:
" Vitfoia Régia"- mostra-nos que até a pág. 86 êle é parnasiano, pois ainda há em seus versos a projeção do "eu" isto é, o poeta é Antopocêntrico. Da página 87 em diante aparecem as poesias modernistas mas ou menos em número de seis. Nestas poesias o autor torna-se cosmopolita, isto é, fala do êle, dp nos, do coletivo.
Comentário sobre o autor e a obra:
1. não se deve confundir Vitória Régia de F. Galvão - edição

de 1912-Rio de Janeiro, com Vitória-Régias - de Maranhão Sobrinho.

2. A data da edição do livro (1912) mostra que, F. Galvão ' pode ser considerado como pioneiro da poesia moderna no Amazonas, sob o aspecto tempo, pois o verdadeiro pioneiro sob aspecto estético literário é Francisco Pereira, autor dos "Poemas Amazônicos". Estes poemas, porém foram editados em Manaus em 1927, o que dá margem à consideração, digo' consignação da precedência do lançamento das primeiras idéis modernista à Francisco Galvão.

Pode-se então considera-lo pré-modernista.

3. Justifica-se ainda a posição de Francisco Galvão, como ' pré-modernista e a posição mais destacada de Francisco Pereira na aceitação mais ampla da estética modernista, do seguinte modo:

Antes de 27 já o poeta Francisco Pereira, aceitando o movimento modernista em 1922 no Brasil, publicava poemas modernista nos Jornais de Manaus e Revistas. Consequentemente, passa por ser o autor que aceitou imediatamente as influências do Modernismo. De outro lado, ao ' que se pode literariamente julgar, anteriormente, isto é, a partir de ' 12 o poeta Francisco Galvão já apresentava tendências de Libertar-se do rigorismo da metrificação em seus últimosp' poemas, na obra Vitória-Régia, pois na primeira parte dos poemas mostra-se escritor parnasiano.

4. Francisco Galvão é parnasinao na primeira parte dos seus poemas na obra Vitória-R-egia, enquanto na primeira digo segunda parte de modo especial nos últimos poemas é modernista (ou pré-modernista)

BIOGRAFIA

Francisco Galvão - Nasceu em Manicoré Rio Madeira, a 1 de janeiro de ' 1906, faleceu no Rio de Janeiro a 26 de Agosto de 1 956.

Seu Livro de versos - "VitóriaRégia, já é um reflexo da época de 1 922.

CONCLUSÃO

Fazendo um paralelo dos dois poetas Francisco Galvão e Francisco Pereira, que este último é o verdadeiro pioneiro do Modernismo no Amazonas. A caravana dos Modernistas de São Paulo esteve no Amazonas em 1 925. A obra de Francisco Pereira apareceu dois anos de pois, 1 927, ' influênciado totalmente pela poesia modernista de 1 922, poesia fronteiriça, pois ainda não está completamente separada das escolas literárias anteriores.

A verdadeira escola Modernista começou com o Sur- Surrealismo através do uso das metaforas (" próprias da idade" média latina" como por ex. se encontram nas Sátiras de Ovidio.)

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O Parnasianismo no Amazonas, situou-se entre o Romantismo e o Simbolismo, ultrapassando a Escola Modernista, chegando até a década' de 40 . Neste periodo de 22 a 30 do parnasianismo, tornou-se figura exponecial o poeta Raimundo Monteiro, cognominado " O poeta dos Contos ' Reais".

A vida intelectual de Raimundo Monteiro pode ser dividida ' em duas fases:

1. fase - 1905 - 1917
2 fase - 1917 - 1932

Da primeira fase temos o livro "Volutás" publicado no Rio ' de Janeiro em 1905, emq que surge a influência Francesa de Verllene, ' Schuré, de Amand Sylvestre, inclusive em peças escritas em Frances neste livro "Volutas". Nesta primeira fase não está em Manaus e, sim, na ' Europa.

Depois, regressando da Europa foi residir no Rio de Janeiro Voltou, em seguida, a Manaus e conseguiu um tabelionato, uma vez que as condições financeiras estavam precárias, devido o debaque da borracha,' pois seu pai havia sido muito rico, riqueza adquirida em Huffaíta, da ' qual foi fundador.

Da segunda fase temos o livro "As Horas Lentas", publicado em Manaus em 1930. Neste livro encontra-se a poesia "Num Album", esta poesia e constituida de 3 (tres) tercêtos e um rabicho.

BIOGRAFIA

Raimundo Monteiro nasceu a 24 de Outubro de 1 882. Faleceu a 20 de junho de 1932. Era filho do comerciante Antonio Francisco Monteiro e de D. Ana de Castro Monteiro, nasceu em Humaitá (Rio Madeira) mas passou a infância no Rio Machado (Sul do Guaporé).

DETALHES

A publicação de "Horas Lentas" em 1930, quando era diretor do arquivo Biblioteca e Imprensa Pública o escritor Raimundo Moraes, foi causa de um incidente marcante na vida de Raimundo Monteiro, embora desagradavel.

O caso é que precidando publicar este livro, resolveu aceitar a proposta de Raimundo Moraes, que consistia em eliminar do Soneto "Andrômaca", incluso no livro à dedicatória feita a esposa de Pericles de Moraes, do qual Raimundo Moraes era inimigo. Devido a aquiescência a esta imposição, êle próprio fez também inimizade com Pericles de Moraes.

RAIMUNDO MORAES -(Literatura Telúrica)

Raimundo Moraes iniciou o seu interesse pela literatura telúrica através do livro "Na Planice Amazônica". A obra trata de Literatura cientifica, embora o autor não tivesse a ajuda-lo, nenhum curso cientifico. Foi um trabalho nascido da experiência adquirida em suas viagens pelos rios da planice amazônica. É um tipo de Literatura experimental.

"Na Planice Amazônica " é sua obra mais notável, como literatura telúrica, a qual se sobresai como aquele de Araujo Lima intitulada "Amazônia, A Terra e o Homem", premiada pela Academia Brasileira de Letras. A seu lado coloca outra obra criada por Raimundo Moraes, que apesar do titulo não possue nenhuma ligação com o folclore Amazônico "Histórias Silvestres do tempo em que os animais e vegetais falavam na Amazônia".

As demais obras do autor que pertencem a literatura de ficção, são as seguintes.

"Os Igaraunas" romance de costumes paraense.
" Ressussitados"
"Mirante do Baixo Amazonas"
"Notas de um jornalista"
"Meu dicionário de coisas do Amazonas"
"Machado de Assis" - sua primeira obra"

Possue ainda algumas obras pertencentes a Literatura cientifa.

BIOGRAFIA

Raimundo Moraes nasceu em Belém a 15 de setembro de 1882, e morreu a 13 de fevereiro de 1 951.

Passou a maior parte de sua vida em Manaus, onde exerceu além do jornalismo, várias profissões.

DETALHES

O escritor Pericles de Moraes logo após a questão entre Raimundo Monteiro e Raimundo Moraes (quando Raimundo Moraes propos a publicação do Livro de Monteiro, Intitulado "Horas Lentas" com a condição de ser eliminada do Soneto "Andromaca", incluso no livro, a dedicatória feita pelo poeta a esposa de Pericles de Moraes), escreveu um artigo,

Este fato lembra ainda que nas histórias antigas não se revela só a maternidade. Daí a exibição de paternidade legal dos índios, quando ficam deitados na rêde,(chocando) após as índias terem dado a luz aos filhos. Enquanto as mulheres fi voltam a trabalhar na roça ou em casa

---

VIOLETA BRANCA DE MENESCAL DE VASCONCELOS

Os reflexos da Escola Modernista de Amazônia, após a vinda de Mário de Andrade e outros, fizeram-se notar, pois alguns escritores Amazonense seguiram a Escola Modernista, escritores que já vinham cultivado o gênero poético, nos jornais e revistas.

Entre estes poetas que seguiram a escola modernista, encontra-se a poetisa Violeta B. M. Vasconcelos.

BIOGRAFIA

Violeta B. M. Vasconcelos, nasceu em Manaus no dia 14 de(9/915; era filha do general José Menescal de Vasconcelos e de D. Tarcila Menescal de Vasconcelos.

Estes poetas que aceitaram a escola modernista, enclusive a poetisa citada fizeram-no sem ter o minimo conhecimento de Teoria Literária e da verdadeira naturesa do movimento renovador da poesia.

ASSim, ocorreu uma confusão de gosto artistico, que fez muitos poetas sairem do anonimato, em virtude da facilidade existénte na feitura de novos versos, nos quais não se exigia a metrificação, porém, apenas o ritmo interior ou psicológico.

Sobre a poetisa Violeta Branca, pode-se, portanto, fazer algumas restrinções criticas, como:

a) a autora não tinha nenhum conhecimento ou noção de amazonismo Ex. disto, é sua maneira de empregar as palavras muitaquitã Pororoca; não pode haver como diz a autora alguem cuja voz se assemelhe ao estupendo fragor e estertor da Pororoca.

Há contudo, neste trcho da poesia minha lenda, do livro "Ritmos de Inquieta Alegria", a presença das constantes ritmicas percebidas no final do verso. Sobre aspecto técnico é um dos melhores trechos

b) a autora adota um processo antropocêntrico, tanto na poesia minha lenda" como em outros, isto é, fala sôbre si mesma, o que não condiz com o espirito da poesia moderna.

Violeta Branca produzia apenas este livro Ritmos de Inquieta Alegria, foi portanto, poetisa bissexta. Escreveu poesia pessoal, brotada do coração de mulher apaixonada. Pelo conteúdo sua poesia é romântica sentimental.

Concluindo, podemos dizer que a poesia moderna no Amazonas foi uma evasão para a mediocridade.

COMPARAÇÃO

Violeta Branca - Raul Bopp.

1. Na obra de Violeta Branca, funciona o "Eu" é poesia egocêntrica. Na Obra de Raul Bopp, funciona o Ôlo - ou melhor o uinivorso, representada num Deus pagão, consequentemente é teocêntrica. O Deus pagão é o bôto, representado pela "Cobra Norato".

2. A diferença entre a obra de Voleta Branca e Raul Bopp, está ainda no conteúdo:

Na Lenda da "Cobra Norato" aparece os elementos :

a) Locus . Locus Fluvium "O Rio"
b) Jocus - é poesia jocosa, alegre
c) o Mitô . o Bôto e a Cobra Norato
d) A poesia é onomatopeica (quando por exemplo descreve a dança da quadrilha.

cont. fl. 26.

3. A poesia de Raul Bopp é bem feita, e está bem em harmonia com as tendências modernistas, por exemplo, possue ritmo interior sendo quase' uma música, não possue rima. Sabe-se que a rima é inexistente na poesia moderna, não é de fato uma propriedade das primeiras criações ' poéticas, constituidas apenas de musicalidade e ritmo; estes dois elementos constituem a sequência poética, que é indispensável no gênero a poesia moderna é feita deste modo, isto é, levando em conta a musicalidade e o ritmo.

Ao escrever a poesia moderna, o papa do modernismo Mário de Andrade construia primeiro a frase poética com tonalidade musical e, depois o ritmo vinha como uma consequência. Raul Bopp procurou ' imita-lo conseguindo o seu objetivo, muitas vezes de modo brilhante.

O CANTO DA NAÇÃO CANAMARY
(pag. 57 - (poemas amazônicos" .)

Análise da poesia -

1. É um poema modernista
2. Conteúdo Narrativo
3. Poema panteísta (fala em Tama que fez tudo; Tama é um deus dos Canamarys)
4. A aparência e o conteúdo do poema são modernista, mas este não é um poema modernista, pois ainda está metrificado.
5. O assunto do poema é velho ; é o romantismo sobrevivendo no modernismo -
6. Há a presença das constantes rítmicas, próprias da poesia metrificada; as vogais como ponto de apoio pára o ritmo.
7. Reduzindo esta poesia à poesia metrificada, teremos versos de 7 sílabas metricas, e, as vezes notaremos que estes versos ' passam algumas sílabas a mais.
8. A licença poética permite passar algumas sílabas a mais, contanto que haja ritmo. Isto é muito mais adequado do que a elisão ou o aumento de sílabas, para atender as regras da metrificação. Ex. Camoês - Naverte no lugar de Marte
   C$ roa por Coroa
9. A parte dos Payés está cortada tem 4 sílabas metricas.

::::::::::::::::::

1. Titulo - No circo sem Tecto da Amazônia

2. Subtitulo - O drama social dos seringais
   Autor : Ramayana de Chevalier.
   Tema - O seringal

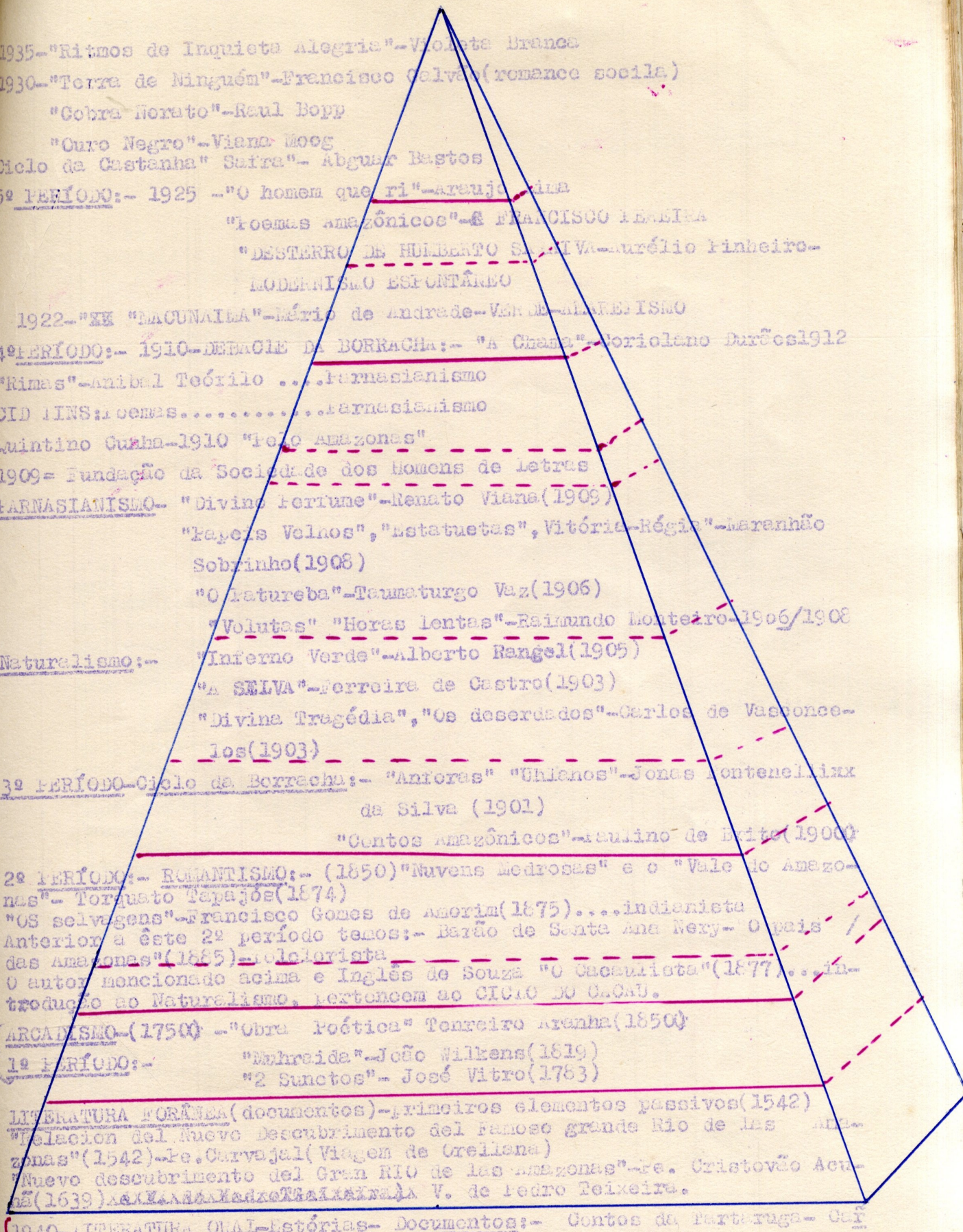
Assuntos:
   a) exploração do seringal
   b) exploração do homem

Análise da obra

Todos os romances amazônicos que tratam do seringal visam apenas os dois aspectos ou assuntos, acima citados, aos quais acrescento ainda um terceiro aspecto ou assunto: O PROBLEMA PASSIONAL. Porém, nenhum' deles ainda havia explorado o tema SOCIAL (hierarqui social) que é inerente ao tema, isto é, a toda obra que trate sôbre o seringal.

Como subtitulo o autor do livro em questão usa : O DRAMA SOCIAL DOS SERINGAIS) o qual, de acôrdo com o que foi exposto acima, combina com o titulo e também pórque o drama inerente ao romance faz parte da épopeia em prosa ou verso.

O autor explora os seguintes assuntos:
1º. O fenômeno Telúrico (o sacado)- Rio Purús.
   SENSUALIDADE
2. O Drama (o homem).


1935-"Ritmos de Inquieta Alegria"-Violeta Branca
1930-"Terra de Ninguém"-Francisco Galvão(romance social)
"Cobra Norato"-Raul Bopp
"Ouro Negro"-Viana Moog
Ciclo da Castanha" Safra"- Abguar Bastos
5º PERÍODO:- 1925 -"O homem que ri"-Araujo Lima
"Poemas Amazônicos"-F FRANCISCO PEREIRA
"DESTERRO DE HUMBERTO SILVA-Aurélio Pinheiro-
MODERNISMO ESPONTÂNEO
1922-"EM "MACUNAIMA"-Mário de Andrade-VER DE-MODERNISMO
4ºPERÍODO:- 1910-DEBACLE DA BORRACHA:- "A Chama"-Dorioleno Durões1912
"Rimas"-Anibal Teófilo ....Parnasianismo
CID FINS:Poemas.....Parnasianismo
Quintino Cunha-1910 "Polo Amazonas"
1909- Fundação da Sociedade dos Homens de Letras
PARNASIANISMO- "Divino Perfume"-Renato Viana(1909)
"Rapeis Velhos","Estatuetas",Vitória-Régia"-Maranhão
Sobrinho(1908)
"O Matureba"-Teumaturgo Vaz(1906)
"Volutas" "Horas lentas"-Raimundo Monteiro-1906/1908
Naturalismo:- "Inferno Verde"-Alberto Rangel(1905)
"A SELVA"-Ferreira de Castro(1903)
"Divina Tragédia","Os deserdados"-Carlos de Vasconcelos(1903)
3º PERÍODO-Ciclo da Borracha:- "Anforas" "Uhlanos"-Jonas Fontenelle
da Silva (1901)
"Contos Amazônicos"-Paulino de Brito(1900)
2º PERÍODO:- ROMANTISMO:- (1850)"Nuvens Medrosas" e o "Vale do Amazonas"- Torquato Tapajós(1874)
"OS selvagens"-Francisco Gomes de Amorim(1875)....indianista
Anterior a êste 2º período temos:- Barão de Santa Ana Nery- O país das Amazonas"(1885)-Folclorista
O autor mencionado acima e Inglês de Souza "O Cacaulista"(1877)...Introdução ao Naturalismo, pertencem ao CICLO DO CACAU.
ARCADISMO-(1750) -"Obra Poética" Teixeira Aranha(1850)
1º PERÍODO:- "Muhraida"-João Wilkens(1819)
"2 Sunctos"- José Vitro(1783)
LITERATURA FORÂNEA(documentos)-primeiros elementos passivos(1542)
"Relacion del Nuevo Descubrimento del famoso grande Rio de las Amazonas"(1542)-Fe.Carvajal(Viagem de Orellana)
"Nuevo descubrimento del Gran RIO de las Amazonas"-Fe. Cristovão Acuña(1639)
V. de Pedro Teixeira.
1940-LITERATURA ORAL-Estórias- Documentos:- Contos da Parturuga- Cap Frederico Hartt.
"lendas em Nhengatu em Português-Antônio Brandão de Amorim.
"Yaranduba Amazonense- João Barbosa Rodrigues"
Base

1903 - NATURALISMO : CICLO DA BORRACHA
Obra - A SELVA (ROMANCE) - 1a. Edição Brasileira- Pongetti -
Autor: FERREIRA DE CASTRO
Obs. Esta obra foi publicada por Moura Fontes Editor - impressa tipografia IRMÃOS PONGETTI em 1 935.

INTRODUÇÃO do "A SELVA"

Quando um final de infância agitado me levou ao Amazonas, a a minha aldeia nativa, aqui em Portugal, de tão distante e envolta na nostalgia, parecia-me ilusão. Só os carimbos das cartas que eu recebia me traziam a certeza de que não fôra sonho a minha vida até êsse momento - de que o berço existia, florido, atraente, para àlém da selva, para lá do Atlântico.

Hoje, dáse o enverso. Muitas vezes, ao evocar a minha estadia na plaga ardente, pergunto duvidoso a mim proprio:

- Mas eu de fato, estive lá?

Está nitido na minha retina o panorama soberbo, está nitida no meu espirito a vida miseravel, mas tudo isto visto e visivel digo vivido numa outra encarnação. Não é, pórem, assim. Estão aqui, amarelecidos pelo tempo os papeis onde tracei as minhas impressões de adolescentes - as minhas primeiras impressões ante o mundo novo, bárbaro e assombroso, que se me revelava.

Sim, fui eu...

A minha vida tem andado cheia dêste pesadêlo. Esqueço-me de mim, mas não me esqueço da selva. Dominou-me com o seu mistério e com a sua soberania; não a evoco sem um estremecimento de pavor. Cá a tenho, cá a tenho a romper o optimismo com que procuro cobrir, para menor sofrimento, o pessimismo e a morbidez que ela me deu. Luto, engolfo-me na ilusão, ludibriu a mim mesmo, mas não consigo iluminar os recantos sombrios que trago cá dentro e onde, com nos da selva, não entra jàmais o sol da alegria.

Eu devia este livro a essa Amazonia longinqua e enigmática, pelo muito que fez sofrer os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anónimos desbravadores, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crónica definitiva, que à extracção da borracha entrega a sua fome, a sua liberdade, e a sua existência. Livre bárbaro, como a vida que enquadra, como o cenário que lhe serve de fundo, êle completa em muitos pontos, à margem do entrecho, o meu Romance "Emigrantes".

Num, a paisagem ridente do sul do Brasil; noutro, a paisagem magestosa do Norte. Em "Emigrantes" o exilio pelo estomago; nêste, o destêrro pelo espirito. E nos dois, a uni-los indissolúvelmente, a luta pela vida, a conquista do pão, a miragem do oiro - um oiro negro que é miseria, sofrimento e quimera com que os pobres se enganam. E há mais, muitos mais laços intimos que seria puerilidade abrir aqui.

Só alguns meses após a sua publicação, "EMIGRANTES" encontrou no Brasil a hospitalidade devida a mensagem imparcial, alheio aos preconceitos que separam os homens. De inicio, teve todas as excomunhões: duns porque não o haviam lido e curavam pelo que se dizia; doutros, porque viram os textos falsificados para exitos jórnalisticos de circunstancia. Amigo modesto, mas sincero, do Brasil, pelas minhas ideias de homem indiferente a prejuizos de raças e porque amo nele muito do meu passado sofri ao ver tão mal interpretado a intenção da obra.

Em breve, pórem, a verdade conquistou expontaneo e eminente paladino em Humberto de Campos, escritor que não conheço pessoalmente, a quem não tinha oferecido o livro, mas que o soube ler, que leu só o que lá estava, ao contrario de muitos outros que contra ele escreveram.

"A SELVA" já não levantou igual ondulação, e, graças ainda a Humberto de Campos, cujo nome desejo ligar fraternalmente a estas páginas, encontrou pouco tempo depois de publicada uma atmosfera carinhosa, quer nos meios intelectuais, quer no resto da população do grande país.

Tinha-se compreendido, finalmente, que ao farfalhar do patriotismo, venha do norte ou do sul, da Europa ou da America, se sobrepõe sempre, no meu espirito, uma causa mais forte, uma razão maior: a da Humanidade. A razão dêste livro. Dêste livro, que é um curto capitulo da obra que há- de registrar o sofrimento dos humildes através dos séculos em busca de pão e de justiça. As Gentes do Ceará e do Maranhão, que trocam a sua terra pela Amazônia, não são menos desgraçadas que os nossos camponeses, que tocam Portugal pelo Brasil.

A sua luta é uma epopeia assombrosa de que não ajuisa, quem, no resto do mundo, se dêixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha- da borracha que esses homens tiraram à selva misteriosa e implacável... (SEGUE-SE UM TRECHO DO LIVRO "A SELVA"):

-Ora ! De promessas estamos fartos ! É bem verdade que tudo está mau e cada dia é maior o número de caixeiros sem emprêgo. E o pior é que não vejo que isto possa melhorar. A borracha cada vez desce mais. Vão arrebentar mais casas por aí... Olá se vão! Por isso eu me lembrei... sim, foi apenas uma lembrança... Mas se tu não estiveres de acôrdo... Porque, a falar a verdade, já não sei o que hei de fazer... Já não há empenhos que valham!

-Mas que é, tio?

-Eu tinha pensado... É que está aí um seringueiro - o Balbino, aquêle que anda sempre com um charuto na bôca-que foi ao Ceará buscar pessoal para o rio Madeira. Mas, ontem, fugiram-lhe três homens... Ora, eu pensei... Sim, talvez falando com êle, tu pudesses...

Mais uma vez Macedo se deteve, hesitante, a contemplar o sobrinho e quase admirado de não ter sido interrompido.

Depois:

-Pelos menos por agora ficavas arrumado...

-É para ou ir para o seringal?

-Se tu quizeres , está bom de ver! É cá uma idéia minha...

O rapaz pôs-se a alisar, com a mão, em silêncio, as rugas da calça.

-Para o rio Madeira, disse o tio?

-É. O seringal chama-se Paraíso.

-Rio Madeira...Rio Madeira...Não é lá que há muitas febres?

-No rio Madeira...

-É; em todos os seringais há muitas muitas febres...

Macedo contrariou-se, mas resistiu, encarecendo, substituindo, as palavras de exaltação que lhe fervian lá dentro.

- Tu és senhor da tua vontade! - disse, mal disfarçando o nervosismo. - Faze o que entenderes! Cá por mim... Nesta onde come um, comem dois. Mas tudo aqui está mal. Tu bem sabes...Há dois meses que andas desempregado e não há sequer esperanças de te colocares. E quem sabe lá ondex isto vai parar! Quem nos diz que não se vai de mal para pior e que daqui a um ano ainda estás à boa-vida? Não é por mim, bem entendido, que assim falo; é por ti. Quanto às febres, não digo que aquilo lá seja uma delícia, mas todos os dias chegam aqui seringueiros do Madeira, do Purus e até do Acre! são como um pêro. É questão de sorte.

Alberto levantou os olhos, analisou,um instante, a expressão do tio - e compreendeu. Era verdade tudo quanto havia pensado sôbre a proteção que o parente lhe dava; certificava-se, plenamente, de suas suspeitas, dêsses mil pequenos indícios interceptados, agora e logo, sôbre o estado do espírito do Macedo.

-Está bem, tio; irei! - disse pausadamente.

Pressentindo que as suas intenções tinham sido adivinhadas, Macedo tornou minorar a situação:

-Lá contra a vontade, não! Tanto mais que eu ainda nem falei ao homem.

-Pode falar-lhe. Não é contra a vontade. Irei. Calaram-se, num silêncio incômodo. Depois, pelo postigo entrou o ruído de um alguidar de água que alguém despejava no saguão.

-Bem; desde que é êsse o teu desejo... Vou falar ao Balbino.

-Fale, fale. Que é que eu iria lá fazer?

-O que irias fazer...? Não sei. Cortar seringa, talvez não, porque é duro. Mas os seringais têm sempre um escritório, um armazem... Vamos a ver. Vamos a ver o que se arranja. E não te aborreças, pois aquilo, para quem tem sorte e juizo, são terras onde se enriquece em pouco tempo. Até já.

Saiu, fechando mansamente a porta.

Alberto levantou-se, encheu de água, no lavatório, as mãos em concha e levou-as ao rosto, uma,duas, muitas vêzes. Sentia um calor aflitivo, quase febre ante o novo rumo que a sua vida ia tomar.

****

ESCOLA MODERNISTA - MODERNISMO ESPONTÂNEO - ROMANCE SOCIAL

Autor: FRANCISCO GALVÃO
Obra: TERRA DE NINGUEM
(romance social do Amazonas)
ADERSEN - EDITORES - RIO - 1 934.

(TERRA DE NINGUEM, onde todos mandam, onde todos exploram e são explorados e a lei é o bacamarte, o rifle quarenta e quatro, infalível e certeiro.)
Capitulo 1 - pags. 8 e 10 .

Naquela manhã de ano novo, vim ao mundo. Da igreja, saída de frêsco, os fieis, mal findara a missa cantada, correram à casa do Velho Nicacio, a vêr-me no berço, empacotado em coeiros grossos, devido o inverno. Até mesmo o vigário, intimo da casa, la fora ter , a batina molhada de neblina, tossindo sempre, a levar os parabens aos comprades.

Minha mãe, palida, na cama, tinha-me ao lado como a um Deus O Velho ia e vinha, traduzindo o seu contentamento. Gostava muito das filhas, mas, sentira sempre o desejo irreprimivel de têr um herdeiro; alguém que lhe continuasse a linhagem flamenga, lembrando-lhe o avô, intimo de Nassaus, que se batêra como um bravo, nas praias de Olinda, pela glória da bandeira holandêsa.

- Ainda havemos de ter um homem, para perpetuar a minha raça, o meu sangue, a minha vida!

Nasci moreno, e inquietára a todos por haver levado meia hora sem dar um sinal de vida, enquanto dona Adelaide, confusa, aplicava os meios da sua ginecologia de aldeia, esperando, com atanasamento, o meu chôro.

De repente, a um solavanco mais forte, o rosto ensopado em vinho " Lágrima Cristi", um alegrão correu a casa.

- Ahn! Ahn! Ahn!

Era o Homem a cumprir o seu destino, iniciando a luta com a sinfonia do sofrimento.

Da latada, florida de avencas e junquilhos, Alfredo, o moleque, soltou um foguête, anunciando o prazer que ia no lar do homem mais probo da aldeia banhada pelas águas do rio Madeira.

§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§

Capitulo 42 - pags. 159/160/161/162/163
Trecho em que se nota a posição socialista do escritor pertencente à Escola Modernista.

Na posição em que me deixaram, atormentado pela sêde, o cerebro rodando vertiginosamente em mil pensamentos, comecei a lembrar a creatura amada. O que teria acontecido a Nadesda? E o rebento que estava para nascer? Quem sabe lá se não realisaria o sonho de meu pai que a morte levara para sempre, com um garoto loiro que lembrasse o "pamache" do bisavô holandês, crivado de balas nas ruas de Olinda?

Tinha a certeza de que as minhas horas estavam contadas. Não escaparia á sanha do bárbaro. Mas o destino de Nadêsda, que eu ignorava, até então, me sobressaltava. Acauans sombrios, rasga-mortalhas agourentos, passavam na madrugada, irritando os nervos, como gonzos de portas que rangessem.

Um êco longinquo vinha da floresta. Archotes fantásticos entre as clareiras iluminavam rostos desfigurados distilando ódio. Era a avalanche, a enxurrada humana.

Capitulino a' frente dava ordens.

- Contra os opressores,- pelos que sofrem.

Encurralemos a féra! partiam gritos da massa anônima.

Nadesca confundida com a multidão, comungando de seus ideais, marchava com a avalanche. Percebendo o que conjeturára o pai a meu respeito tomára aquela atitude suprema.

- Abaixo a tirania! Abaixo a perversidade! Pelos fracos e oprimidos. Avante!

Não podia compreender o que assistia. Aquela mulher extraordinária sacrificára-se pelo meu amor e pelo meu ideal.

Avançava disposta a destruir a sua propriedade, voltada contra os seus, para que se cumprisse o sonho doirado da sua juventude e da sua inteligência: a igualdade entre os homens.

Tiros do barracão eram respondidos pela massa desenfreada.

A Resistência, porém foi pequena. Manuel Lobo abriu a janela da varanda e deparando com a filha entre os seringueiros, exclamou sem se poder dominar:

- Cadêla, por causa desse cachorro, tem coragem de se armar contra os pais?

Correu para a cosinha e ia deitar querozene na casa, para que a sua propriedade não fosse parar nas maos dos trabalhadores, quando uma bala certeira prostou por terra;

Dona Rosa jaia digo jazia estendida numa poça de sangue, perto do oratorio, onde as vêlas iam se apagando.

O "Remanso" está entregue aos poderes descricionarios da multidão. Barris de cachaça foram empilhados no terreiro, caixas de conservas, mantas de pirarucú e paneiros de farinha. Era a desforra dos humildes contra o patrão sanguinario e despótico.

Epifanio, ajoelhado á soleira da porta, comentava olhando para o alto:

- Custou mais veio. Deus não deixava de vi castgá este misarave...

Entre as moitas, na manhã que vinha rompendo, enquanto se fazia o saque no barracão Nadesca, depois de dores cruciantes abortára, em consequencia das energias dispendidas.

- A Natureza que nos uniu é o mesmo palco nestahora em que o nosso filho desaparece.

- Mais uma vida que se consome, vitima do preconceito social do Brasil, perdida na sélva numa demonstração positiva da falsa educação e do atraso do meio em que vivemos!

Os quatipurús anunciavam com os gemidos roucos o dia que iluminava a paisagem.

Lá em baixo, o rio continuava a drenar para o oceano, com a enchente, as balsas de mumumurés que lembravam mortuarias côroas votivas enquanto os seringueiros soltos senhores da sua vontade, despoticos e sombrios, começaram a sentir a voluptia do mando e do dominio nas sélvas, onde a natureza possuia os impulsos da liberta ção e da posse.

****

Este trecho do romance "TERRA DE NINGUEM" revela-nos o estilo de Francisco Galvão e a influência socialista do autor.

****

RAIMUNDO MORAIS

HISTÓRIAS SILVESTRES DO TEMPO EM QUE ANIMAIS E VEGETAIS FALAVAM NA AMAZONIA/ (Apólogos).

INTRODUÇÃO DO LIVRO FEITA PELO AUTOR- Os Apólogos que se vão ler,destinados/ a crianças de meio século de idade e a velhinhos de cento anos incompletos , guardam somente as propriedades biológicas mais em evidência, quer dos Animais quer dos Vegetais da Amazônia,em geral conhecidos.A fantasia que os redoura de tons pitorescos e humorísticos, dando-lhes fala e pensamento , idéias e desconcerto enquadra-se no uso, no costume, no folclore, na lenda que envolvem fauna e flora da Planície Amazônica.

Forjando-os e concatenando-os em moldes in gênuos, o autor dêstes Apólogos deseja apenas preencher uma lacuna,visto que não existir em nossa bacia mediterrânea obra semelhante.E uma forma simples de projetar a visão da meninada para além dos nossos lindes geográficos,abrindo-lhes ao mesmo tempo curiosidades prehistóricas em todos os setores da vida.A juventude, sempre ávida por êstes racontos mirabolantes, nos quais o absurdo guarda invariavelmente certa ponta de verdade, e o paradoxo certo fio de axioma,completará o pensamento maduro que os articula, dando-lhes então altas e finas perspectivas dentro de cenários e dramas porventura mais comoventes e reais.

O escritor dêste trabalho foge, assim, a botas de sete léguas do Apólogo integral,isto é, do Apólogo com as linhas moralísticas da fábula. Fazer os Animais e Vegetais dêstes luminoso Anfiteatro Amazônico dialogarem, gastando experiência e filosofia, afim de emendar os homens, é cousa de que se não lembrou o publicista.Desde as remotas fábulas de Bildpay até La Fontaine com escalas em Esopo e Fedro, que aí há um verdadeiro turbilhão de advertências chamando os desviados a bom caminho.E nem por isso já se evitaram as guerras,os conflitos, os massacres,as lutas,as inúmeras injustiças, em suma. a humanidade nasceu para se combater.Não há podra que se oponha ao carro de fogo dos assaltantes.

Se no globo todo nada conseguiram os moralistas, a-pesar-de ministrarem conselhos em forma alegórica, de vaga sutileza mas de expressiva,realidade, por que insistir nesse intento?Daí o alheiamento completo da advertência, aos desviados da razão e do bom senso,através de símbolos e parábolas / das Histórias Silvestres do tempo em que Animais e Vegetais falavam na Amazônia.Por bem pago se dará o escritor dêstes Apólogos se os seus jovens e velhos conterrâneos paraenses deles tirarem algum provoito literário ou filosófico.

$$$

A FESTA NO CÉU- RAIMUNDO MORAIS

A mãe dos Bichos, com surpresa geral da fauna, apareceu enfim corporifi cada na floresta. Até então ninguém a vira. Ouviam-lhe apenas o canto e a fala. Ma Mostrara-se linda e magestosa. Carregava o aspecto augusto duma deusa e lembrava , no feitio, o ar soberano da Ave do Paraíso, se bem que as côres fossem ou tras. Alva, cauda em plumas frisadas, quando esta se arredondava num leque de arminho e ouro, dir-se-ia uma aureola que a envolvesse. Na cabeça alteava-se- lhe bizarra coroa de perolas negras. Tinha os pés verdes e o bico azul . Correspondia mesmo à divindade desencantada. Verdadeira jóia de Natureza. Gorjeou primeiro uma aria estonteante e falou depois. Trazia, declarou a Visão, uma incumbência da Côrte Celeste, que a mesma encarregara de convidar seus filhos para uma grande festa no Céu.

A clareira da selva em que a matriarca se manifestara regorgitava de animais. Amontoavam-se quadrupedes, ofídios, quelônios, saurios, aves caracóis, insetos, quadrumanos. O formoso passaro, gloria da Ornis amazônica, esplicou, em linhas gerais, o que seria preciso para corresponder a tão alta distinção do Onipotente, pois a festa em vista, consistia em lhes ser mostrado um aparelho inconcebível e que se inauguraria na presença rustica de seus filhos: o Rádio Sideral, que ligava os mundos pelo infinito a fora.

Para que a embaixada terrena fosse brilhante, continuou a Bela Aparecida, / tornava-se necessario organizar várias comissões. Uma, central, presidida pelo Jabuti e composta da Jararaca, da Preguiça, da Garça, do Macaco, do Tatu, da Minhoca, da Aranha, da Ponhamossa, e outras menores adstritas à grande. Cada ger ado, passaro, inseto ou peixe, obrigar-se-ia a conduzir para a Mansão Etérea, / um animal sem asas. Os excursionistas deviam levar ainda, escolhendo os melhores musicos da mata, duas orquestras. Nas vésperas da festa, declarou, volveria/ afim de examinar os trabalhos. Ruflou as asas harmoniosamente e sumiu-se no espaço.

Foi uma chega e vira da nossa morte na fauna. Constituiram-se mais dois grupos dirigentes e destinados a concatenar a familia dos assobiadores, dos cantadores, dos batedores, dos roncadores, dos trinadores, dos tocadores, dos zunidores dos gritadores, dos estriduladores, dos sapradores, dos zabumbadores, dos ventriloquadores, dos ~~fazem~~ flautedores. Do primeiro ficou à testa o maestro Cara - cahué, arrebanhando para o seu lado o Japiim, o Bicudo , Patativa, o Colairo, Canário da Terra, a Maria-já-é- dia, o Curupião, o Ten- Tem, o Bentevi o Curió, o Urutaí, a Matintaperera, a Saracura. O segundo grupo foi encabeçado pelo maestro Irapuru, e se concretizava nos seguintes músicos: Jacamim, Juruti, Aracuan, Inhambú, Macucáua, Marreséo, Caivota, Acauan, Cutipuruí, Mauga- Mortalha, Sai Murucututú, Araponga, Ferreirinho, Cigarra, Cametáu, Grilo, Pomba, Arara, Papagaio, Rôla e Periquito.

A lista do Jabuti, aclamado chefe geral da embaixada, rezava assim a respeito dos foliões : A Borboleta levaria a Anta, A Ponhamossa levaria o Jacaré, o ~~xx~~ peixe -voador levaria a Tartaruga, o Gavião levaria a Aranha, o Bentevi levaria/ a Cobra Grande, a Saracura levaria a Piraíba, a Cigana levaria o Urua, o Mutum / levaria a Contopeia, o Cujubim levaria o Bôto, o Mergulhão levaria o Pirarucu , e diversos outros animais ~~xxxxxxxxx~~ menores levariam os maiores. O transporte dos outros animais anotara-se em listas secundarias.

Nas vésperas da partida, a Mãe dos Bichos veios examinar o que se havia / feito, achando tudo em ordem. No dia aprazado alcaram-se, numa aleluia de asas, em busca do Empíreo, a terra ficou sob um velario de plumas e penas. Voaram, voaram, voaram. Mas o Céu era longe. Afinal chegaram na Mansão do Sonho azul como o anil. São Pedro, sorridente e efável, abriu a porta de bronze e a bicharada entrou meio desconfiada olhando para os lados, espantada com o luxo. Autênticos / matutos, tropeçavam nos tapêtes, davam de encontro nos espelhos, abalroavam os

continua.....

móveis, apalpavam os panos de Arraz, o s vitrais, os mármores, as cortinas.

Os anjos, que vigiavam a roceirada, só faltavam rebentar de riso. Oh, bi/ chos burros. Verdadeira pândega. Ao passarem na sala das Onze mil Virgens, o / Macaco buliu na corda duma harpa. Ouvir-se um som. PRAQUÊ? Assustaram-se de tal forma os animais que houve pânico. O corre corre não foi desta vida. Fulavam, // saltavam, voavam. Oarcanjo S. Gabriel, que ia passando, riu-se tanto que deixou cair a espada de fogo.

Oh, canalha frouxa arriscou. Nunca tinha visto medrosos dêste calibre. São/ valentes apenas no prato.

E meteu o cinturão numa cotia que já estava roendo a quilha da barca de / São Pedro.

Daí passaram os turistas à sala dos Santos. Mais de mil representantes do Flos Sanctorum, num trabalho fremente, recebiam e transmitiam ordens do Todo Poderoso, invisível aos visitantes. Súbito lampejo anunciou o Sol. De acôrdo com o regulamento celeste, ia buscar ordens para as 24 horas futuras. Chegou depois a Lua com o mesmo desígnio. As Estêlas - só de mil em mil anos. Os Santos, numa verdadeira lufa-lufa, atendiam e determinavam o programa solar; luz forte no Maranhão, luz fraca no Rio Grande do Sul, meia luz em Minas, suma-se nos Pólos. Momentos depois aportou o Vento com idêntico objetivo, solicitar ordens. As respostas dos celículas surgian em cima da bucha: "assobie apenas na Amazônia; devaste o Gôlfo do México; vire ciclone na América do Norte e furacão no centro do Atlântico; torne-se tempesta-/ de no Báltico e tufão no Pacífico".

Qualquer turma de sindicância para regiões distantes, em que se gastavam anos e anos de viagem, embarcava em cometa para a travessia do infinito. As expedições ligeiras, aos satélites do Sol e da Terra, faziam-se em Aerólitos, num vou alí já volto. Não tardou levaram os bichos à Secção de Eletricidade, na qual o assunto astronômico e meteorológico mantinha-se regulado e preciso. Dêsse departamento emanavam ordens para a tebela diária: Relâmpagos na Austrália, Ciscos em Fernando de Noronha, Trovões na Alemanha, Fogo-Santelmo na Inglaterra.

Mas a grande novidade, aquilo em suma que constituia a Festa no Céu, e para a qual os animais teriam sido convidados, era o Rádio Sideral, descoberta de Santa Bárbara e São Jerônimo. Por meio dêsse aparelho fantástico sabia-se do que ocorria em nos Astros, nas Estrêlas, nos Planetas. De repente, lá vinha: terremotos em Castor e Pólux; quatro vulções na Ursa-Maior; incêndio na Lapa-Ceia; inundação em Saturno. As notícias de tais sinistros e catástrofes eram respondi-/ das com urgentes providências. Enviavam-se turmas de engenheiros, de maquinistas, de médicos, de enfermeiras e ambulâncias destinadas a consertos, a restaurações , a socorros aos flagelados.

Os bichos estavam apalermados. Mas sem saber como, pois alí não havia bebida, S. Pedro notou que a maioria dos excursionistas se achava embriagado, num pôrre tremendo. O Apóstolo aí sangou-se e mandou encostar a tôca nos viciados. Foi lapada de todo tamanho. Além disso, o cosilho do Céu estava em petição de miséria: cuspido, escarrado

Continuação do apólogo de Raimundo Morais- fôlha 3

vomitado, sujo de pontas de cigarro, fósforos, cascas de frutos. Mais sangado ficou o Santo. Ordenou de novo uma boa tunda naquela corja. Aí o chiqueirador comeu que não foi graça. Houve o respectivo salve-se quem puder. A bicharada abriu o pano. Uns levavam os instrumentos/ dos outros. Animais que tinham vindo com êste iam com aquele. O Urubú tonto, tonto, deixou cair o Jabutí que rebentou ao bater em terra. Quem lhe remendou o casco foi a Mãe dos Bichos. Quando os animais falam nessa festa é para recordar a pancadaria que levaram no céu por serem porcos e cachaceiros.

$§§§

1922-ESCOLA MODERNISTA - TENDÊNCIA: VERDE-AMARELISMO

MACUNAÍMA de MARIO DE ANDRADE:- A obra foi dividida em 17 partes, mencionaremos aqui a primeira parte cujo título é:- Macunaíma:- No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, heroi de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão / grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a india tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:- Ai que preguiça... e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no girau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Manape já velhinho e Jiguê na fôrça do Homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando/ mergulho, e as mulheres soltavam gritos gosados por causa dos guaimuns diz-que habitando a agua -doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã/ se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos cuspia na cara, porém respeitava os velhos.... Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que "espinho que pinica, de pequeno já traz ponta", e numa pagelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente. Nem bem teve seis anos deram agua num chocalho pra êle o Macunaíma principiou falando como todos.....

Macunaíma pediu fibra de caraúá. Jiguê olhou pra êle com ódio e mandou a companheira arranjar fio pro menino, a moça fez. Macunaíma pediu prá mãe que deixasse o caxiri fermentando e levasse êle no mato passear. A velha não podia por causa do trabalho mas a companheira de Jiguê mui sonsa falou prá sogra que "estava as ordens". E foi no mato/ com o piá nas costas.

Quando o botou nos carurús sororocas da serrapilheira, o pequeno foi crescendo foi crescendo e virou principe lindo. Falou pra Sofará/ esperar um bocadinho que já voltava pra brincarem e foi no bebedouro / da anta armar um laço. Nem bem voltaram do passeio, tardinha, Jiguê já chegava tambem de prender a armadilha no rasto da anta. A companheira/ não trabalhara nada. Jiguê ficou fulo e antes de catar os carrapatos / bateu nela muito. Mas Sofará agüentou a coça com paciência.

ALGUMA COISA SÔBRE O ENREDO- Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar da tribu nem contar aqueles casos tão pensados. Quem podia/ saber do herói? Macunaíma era agora a constelação da Ursa Maior. Ninguem jamais não podia saber tanta história bonita e a fala da tribu acabada. Um silêncio imenso dormia a beira-rio do Uraricoera. Foi um papa

que relatou esta história para um homem e depois abriu asa rumo de lisboa.E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história,lor isso que vim aqui .me acocorei em riba destas folhas , catei meus carrapatos,ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos/ de Macunaíma, herôim de nossa gente .

§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§

"AS HORAS LENTAS" de RAYMUNDO MONTEIRO- O livro é dedicado a MARtins Fontes como prova de amizade e admiração do autor. A obra consta de poemas. Citaremos do livro "CANTIGA"

Meu coração que te quer
Com delicados extremos,
Aôs flores diz:- celebremos
O dia desta mulher!

E as flores, rindo em perfumes
Cantam a gloria do dia
Em que nasceste,alegria,
Mel destes meus azedumes!

E o sol,ouvindo dizer
A's flores o que eu te digo.
Também festeja comigo
Teu dia, minha mulher!

§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§

INFLUÊNCIA MODERNISTA
1925 a 1930 : CICLO DA CASTANHA - LITERATURA DE CIRCUNSTÂNCIA
COBRA NORATO - RAUL BOPI

A princípio êste era um livro inofensivo, para crianças. Mais tarde, com umas ampliações na ossatura, esteve destinado a fazer parte da "BIBLIOTEQUINHA" ANTROPOFÁGICA", planificada sob um critério terrorizantemente brasileiro, organizada e cuja organização seria discutida numa das teses do "Primeiro Congresso Mundial de Antropofagia" a reunir-se em Vitória, Espírito Santo, a 11 de outubro, - o último dia da América livre (Dia seguinte chegava Colombo). Porém o clube extinguiu-se, e não saiu o tal Congresso, nem a Bibliotequinha.

Dois anos mais tarde, promovida por Jaime Adour da Câmara e Alberto de Araújo, a NORATO teve a sua primeira edição, em São Paulo. Em 1937, um grupo de amigos tomou a iniciativa de uma edição especial com ilustrações de Goeldi. E por muitos anos a COBRA NORATO ficou / nisso.

Ùltimamente, o poema começou a ser mais lembrado. Um jornal do Rio publicou-o na íntegra.

A cheruscamento do movimento foi Tarsila. Oswald ia na vanguarda, irreverente, naquele solecismo social de São Paulo. Foi elemento / resistência e agressão. Pôs a "Antropofagia" no cartaz, com uma técnica de valorização.

Tarsila, na sua simplicidade, sentava idéias. Queria um retôrno/ ao Brasil, à sua ternura primitiva. A flecha antropofágica indicava uma nova direção.

- Vamos descer à nossa pre-história. Fazer alguma coisa dêsse fundo imenso, atávico. Catar os mais totêmicos. Remexer raízes da raça, com um pensamento de paulmanisé. Dêsse reencontro com as nossas coisas, num clima criador, poderemos atingir uma nova estrutura de idéias solidários com as origens. Fazer um Brasil à nossa semelhança, dessas encadeamentos profundos.

Repete-se o homem da caverna. E vamos reunir uma geração, fazer o nosso "Contrato Social". A cidade está desencantada, perdendo tempo/ com esnobismos culturais. Secou a alma no cartesianismo para quê Roma? Temos mistério em casa, a terra grávida. Vozes nos acompanham de / longe. Arte não precisa de explicação.

O "nosso" Brasil começa lá adiante. Terra do sem-fim-nunca-mais, com duas paredes. Caboclo vai acompanhando a linha de mato, ficar / para trás duas dúzias descalças, fora do centro de gravidade, esconderadas nas abas dos morros Canarões do velho Saint-Hilaire, com escravos enterrados nas paredes. As portas emperradas mugem.

Todo êste cozido geográfico, com drumas do sertão e heranças de mau/ olhado, agita-se dentro das fronteiras antropofágicas. A floresta, em tôda a sua brutalidade, gerando mundos mágicos. Árvores que emprenham

noças.Cobra Grande vai se casar.Os x que iniciaram o movimento pre ocuparam-se em chamar a atenção para um Brasil diferente,num privilégio de descobrir coisas.Fixar meridianos para uma novo "Diálogo das Grandezas".Haja de homens que se orgulhavam de engolir o seu semelhante(qualquer coisa de horroso para a nossa pre-história).

A área antropológica encalhou em São Paulo, com êsse material/ a bordo.Urubú foi ver se as águas já tinham baixado.Não voltou mais Houve imprevistos na descida .Alunos de reação e renovação ficaram num deixa-estarxx ou acomodaram-se em variantes cosmopolitas. A Experiência brasileira do grupo perdeu o seu significado inicial. E o "Antropofagia" ficou nisso, provàvelmente anotada no obituário de uma época.

Em edições anteriores o presente livro foi dedicado a Mpita;e o poema C. N. , em especial,dedicado a Tarsila.A obra consta de Cobra Norato e outros poemas.

Capítulo IX de Cobra Norato:-

Ai que estou perdido
Me atolei num útero de lama.
O ar perdeu o fôlego.
Um cheiro chôco se esparrama.
Sirís estão de festa no meio do barro.
Estalam raízes famintas.
Ouço guinchos de um guaxinim.
Parece que vem alguém neste escurão sem saída.
-Olelé quem vem lá?
-Sou o Tatú de bunda sêca.

-Ah compadre Tatú,
que bom você vir aqui.
Quero que você me ensine a sair desta goela podre.
-Então se segure no meu rabo que eu lhe puxo.

A

Agora
quero um rio emprestado pra tomar banho.
Quero dormir três dias e três noites
com o sono do sauipuru.

-Você me espere
que depois vou lhe contar uma história.

O CICLO DO OURO NEGRO(IMPRESSÕES DA AMAZÔNIA)-obra de VIANNA MOOG

Vianna Moog-nasceu na cidade de S.Leopoldo(R.G.do Sul a 26 de outubro de 1906.Formado em direito.Durante vários anos escreveu crônicas e ensaios, que foram publicados nos principais jornais/ e revistas do Brasil.Em virtude dos acontecimentos revolucionários de 1932 cumpriu a pena de exilado político no Amazonas,tendo então o ensejo de percorrer êsse estado em vários sentidos e em épocas diferentes,circunstância essa que lhe permitia observar a terra e o homem em na multiplicidade de seus aspectos.Suas esplêndidas e pitorescas notas de viagem formam o conteúdo dêste volume.A crítica saudou nele um dos mais vigorosos ensaistas da nova geração brasileira. Outras obras do autor:- "Um rio imita o Reno", e "Heróis da Inconfidência",etc.

Algumas considerações sôbre O ciclo do Ouro Negro:- Foi devido aos / acontecimentos revolucionários de 1932 que vianna Moog veio a conhecer a Amazônia e conseqüentemente a escrever a mencionada obra. O autor diz o seguinte da obra:- "Dando-lhe o título "O Ciclo do ouro/ negro" não visei emprestar-lhe cunho de natureza histórica,senão apenas significar que seus capítulos principais decorrem de reflexões/ em tôrno das consequências impressionantes da valorização da borracha na civilização amazônica.Não há aqui, entretanto,nenhuma revelação ou novidade sensacional para os que se habituaram a versar a copiosa literatura,a que a Amazônia tem dado lugar.Sob êste aspecto,depois das obras magistrais de Euclides da Cunha,Gastão Cruls,Raimundo de Moreis e Alberto Rangel,parece-me que não restam grandes coisas a serem exploradas pela literatura.

Daí porque "O Ciclo do Ouro Negro" escrito sem preocupações de originalidade,sem intenções eruditas ou livrescas,já não tem outro / objetivo, senão conceder honras de texto impresso para sempre a algumas páginas que se recusavam a aceitar,como destino definitivo e irremediável,a vida comum de um côsto de papéis....

FLAGELOS IMPREVISÍVEIS do livro O CICLO DO OURO NEGRO-pg.43

Por mais que se percorram os capítulos da história referentes / aos povos acossados de flagelos naturais, nada se encontra comparável ao destino terrível que pesa sôbre os nossos patrícios do nordeste. Nenhum outro povo,nenhuma outra raça já suportou sorte mais rude, já foi vítima de mais tremendas fatalidades.Ao lado dos males com que a natureza lhes surpreendeu brutalmente e várias vezes no curso de uma existência , ficam incolores os exemplos clássicos das calamidades que se desencadeiam contra tribus,raças,países e nações.Nestes / casos,cita-se logo a Holanda.É certo que aí a luta do homem não pode se interromper sequer um momento contra a fúria do oceano,adversário secular que se mantém obstinadamente inabalável e irredutível no propósito de reaver a pátria que os holandeses lhe arrancaram das entranhas. Não há ocultar que aí também a sorte tem feito culminar as tormentos e provações.Mas o nordeste durante as sêcas e a

Amazônia durante as inundações, constituem,desgraçadamente,modelos/ incontestáveis no catálogo das grandes tragédias existentes.A outras distâncias,a esperança de vida será pelo menos gradualmente inferior à existência que o sertanejo vai arrastando na terra onde nasce habita.

E em vista de uma razão e bem dizer esclusiva; é que êsses fenômenos portadores da desolação, no sertão, como na planície,são / completamente imprevisíveis.

Entretanto, o holandês,não se razendo a si mesmo nenhuma ilusão sôbre os perigos que o cercam,vive prevenido; sabendo de onde êles vêm e quando vêm,pode defender-se heròicamente , opondo a barragem de milhares de diques às arremetidas do mar.Quando acontece/ de ser derrotado, como no caso daquelas inundações memoráveis que / tregavam centenas de milhares de vidas, não é porque tivesse sido / colhido de surpresa,mas em virtude de ser o inimigo superior aos / poderes de sua fôrça e do seu engenho.Quasi sempre vencedor,não será o holandês de qualquer forma a presa fácil de catástrofes enganosas.

No sertão e no vale não ocorre outrotanto.A natureza de ambos, lá nas terras adustas do nordeste,como na planície eternamente húmida, parece manter estranha ligação com alguma das mais ferozes divindades pagãs,pela maneira de se conduzir com os alcances de sua maldade.

Golpeia-os de surpresa,mas,antes que as vítimas se rendam à fascinação,submissas e confiantes,de todo esquecidas de perigos possíveis e deslembradas de tragédias passadas,não há como a natureza do sertão e da selva amazônica para exercer sôbre o homem a magia / dos encantamentos.Se não chega a fazer-se objeto de devoção e de / culto,consegue pelo menos anestesiar as mais vigilantes prevenções.

E'em pleno devaneio que desaban os flagelos.O que seja êsse cortejo de horrores por que passam os nordestinos no sertão,o que seja a realidade dos seus suplícios durante a via-crucis das sêcas nenhum brasileiro tem mais o direito de ignorar.

§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura